



VYSE

# VYSE

ano V . # 23

**RICHARD VYSE**

**GIANNI RAUSO**

**GEORGE QUAINANCE**

**PAULO PINHEIRO**

**JOZIAS BENEDICTO**

FALO® é uma publicação bimestral.  
julho 2022.  
ISSN 2675-018X  
versão 20.07.22

edição, redação e design: Filipe Chagas  
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme  
Correa e Rigle Guimarães.  
site: Pedro Muraki

capa: *Onda de calor*, aquarela de Richard Vyse, s.d.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação ([falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

### Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com) e procederemos da melhor forma possível.

### Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com).

FC DESIGN  
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras  
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55



NOVOS PRODUTOS  
COMPRA AQUI

## Sumário

Richard Vyse

6

Gianni Rauso

18

FALO DE HISTÓRIA  
George Quaintance

34

FALO EM FOCO

53

FALOGÉRIO  
Paulo Pinheiro

54

FALORRAGIA  
O quê do Ken

64

FALÓFORO

72

BIBLIÓFALO  
Dozes noites e seus trabalhos

74

CONTOS DO FALO  
Obelisco

76

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

78

FALO com VOCÊ

80

moNUmento

83



## Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

**J**unho. Mês do Orgulho LGBTQIA+. Um orgulho de ser que cada vez mais aumenta em uma “comunidade” que cada vez mais se afasta. Em 2022, as Paradas do Orgulho voltaram a ser presenciais após o hiato de dois anos em virtude da pandemia (que não acabou), tentando estimular uma consciência política em pessoas que, antes, precisam entender o que é o coletivo.

Essa foi uma das razões que decidi criar a exposição “Além da Parada” para a galeria *Objectos do Olhar* em São Paulo. Em um curto espaço de tempo e com ajuda de uma equipe bem reduzida, consegui juntar mais de 20 artistas dispostos a refletir sobre gênero, sexualidade e a contemporaneidade através de linguagens diversas como pintura, fotografia, bordado, performance, música, entre outras.

O saldo foi bem positivo. Existe uma real vontade de fazer algo bom acontecer. É bem verdade que a força contrária e destrutiva vem na mesma proporção... Entretanto, sem parecer piegas: juntos somos mesmos mais fortes.

Com essa mentalidade, trouxe para a edição de julho artistas que falam sobre positividade corporal, gordofobia, etarismo, representatividade, desejo,

construção de padrões, estereótipos e muito mais. Convidei também um novo colunista para a **Falo** – o escritor e artista visual Jozias Benedicto – que nos brindará com contos e outros textos inéditos, ampliando, assim, as fronteiras artísticas desta publicação.

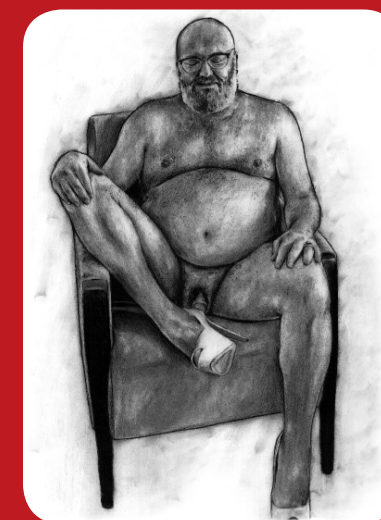
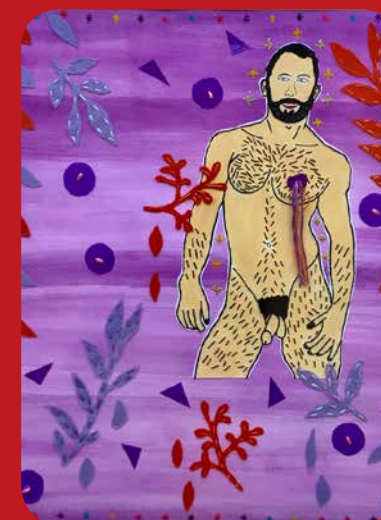
Portanto, essa é mais uma edição que procura ir além da imagem de um homem nu e instiga reflexões tanto no âmbito social quanto, principalmente, no individual. Até mesmo um texto sobre a ausência de genitais (ou volume) em um boneco nos revela algo mais.

Precisamos rever nosso jeito de olhar, julgar, agir.

Vamos juntos além.

Filipe Chagas, editor

Obras que estiveram na exposição *Além da Parada*, dos artistas Anderson Morais, João Carvalho, Júlio Lima, Wilton Oliveira, Gustavo Marcasse e Marcelo Reider.



**ALÉM** da **PARADA**  
\_exposição\_ **11\_junho\_**  
**3\_julho**  
**18+**  
◇ ★ ● **objectos do olhar**  
rua augusta, 837 - são paulo

**ALÉM** da **PARADA** **18+**  
\_exposição\_ \_performances\_ \_música\_ \_oficinas\_  
\_Anderson Morais\_ \_Ari Acioli\_ \_Bruno Novadvorski\_ \_Chris, The Red\_  
\_Complexa\_ \_Flerte\_ \_Gustavo Marcasse\_ \_Hello D\_ \_João Carvalho\_  
\_Juliano Hollivier\_ \_Júlio Lima\_ \_Luciano Trevisan\_ \_Marcelo Reider\_  
\_Marcos Rossetton\_ \_Mateus Capelo\_ \_Maverick HOME\_ \_Metanoia\_  
\_Ney Madeira\_ \_Pedro Leão\_ \_Roger Silper\_ \_Samuel Menezes\_  
\_Thiá Sguoti\_ \_Thiago Prado\_ \_Wilton Oliveira\_ \_Zaqueu Pedroza\_  
**11\_junho\_3\_julho** ◇ ★ ● **objectos do olhar**  
rua augusta, 837 - são paulo

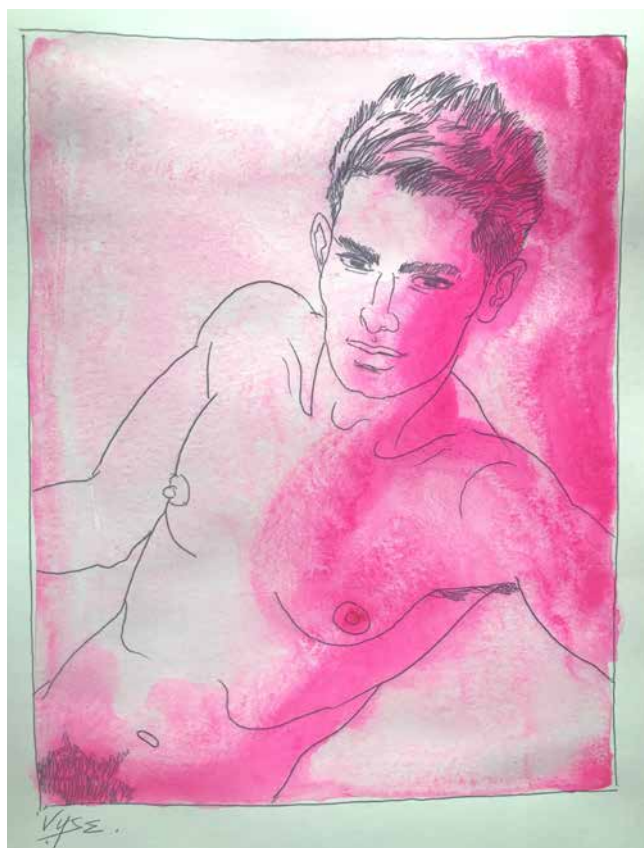
# Richard Vyse

por Filipe Chagas

**A**ntes tarde do que nunca. Esse ditado popular se encaixa perfeitamente na trajetória de **Richard Vyse**. Ele se vê como artista desde criança e, após estudar na School of Visual Arts, em Nova York, foi ilustrador profissional de moda por muitos anos. Quando entendeu que estava sendo substituído pela fotografia, começou a produzir arte abstrata e foi bem sucedido internacionalmente em uma galeria em Manhattan. Com o fechamento da galeria, o artista percebeu que já havia passado muito tempo desenhando mulheres e formas: aos 70 anos, ele se viu livre para expressar sua sexualidade celebrando “o homem moderno com um toque de estilo” na arte.

Vyse criou o projeto *Man Art* para apresentar imagens com linhas e pinceladas espontâneas, em cores análogas ou na dramaticidade da monocromia do preto, que capturam um momento, um estado de espírito. Seu estilo pode mudar de acordo com a técnica: seja aquarela, nanquim, acrílica, grafite ou uma combinação dessas, o que não muda é a representação do corpo masculino.

*Esperi tarde na vida para expressar através da minha arte minha sensibilidade gay. Quando inspirado por um look, pose ou corpo diferente, crio uma composição... muitas vezes cortando a figura para mais impacto... decidindo qual meio, cores ou traços. Tento capturar a sensualidade do homem nu para que o espectador fique excitado.*



*Belo em rosa, caneta e acrílica.*

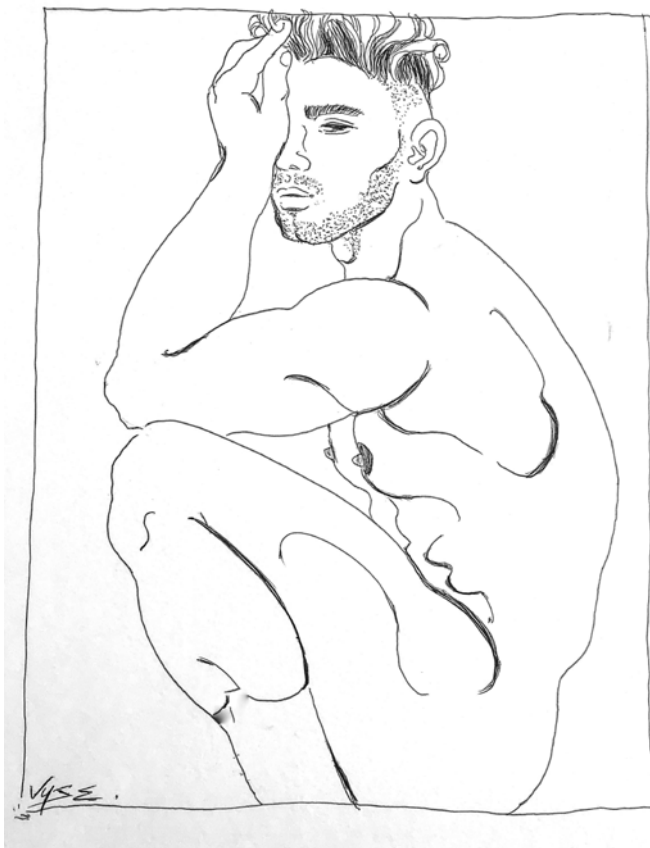


*Man moment, caneta e acrílica.*

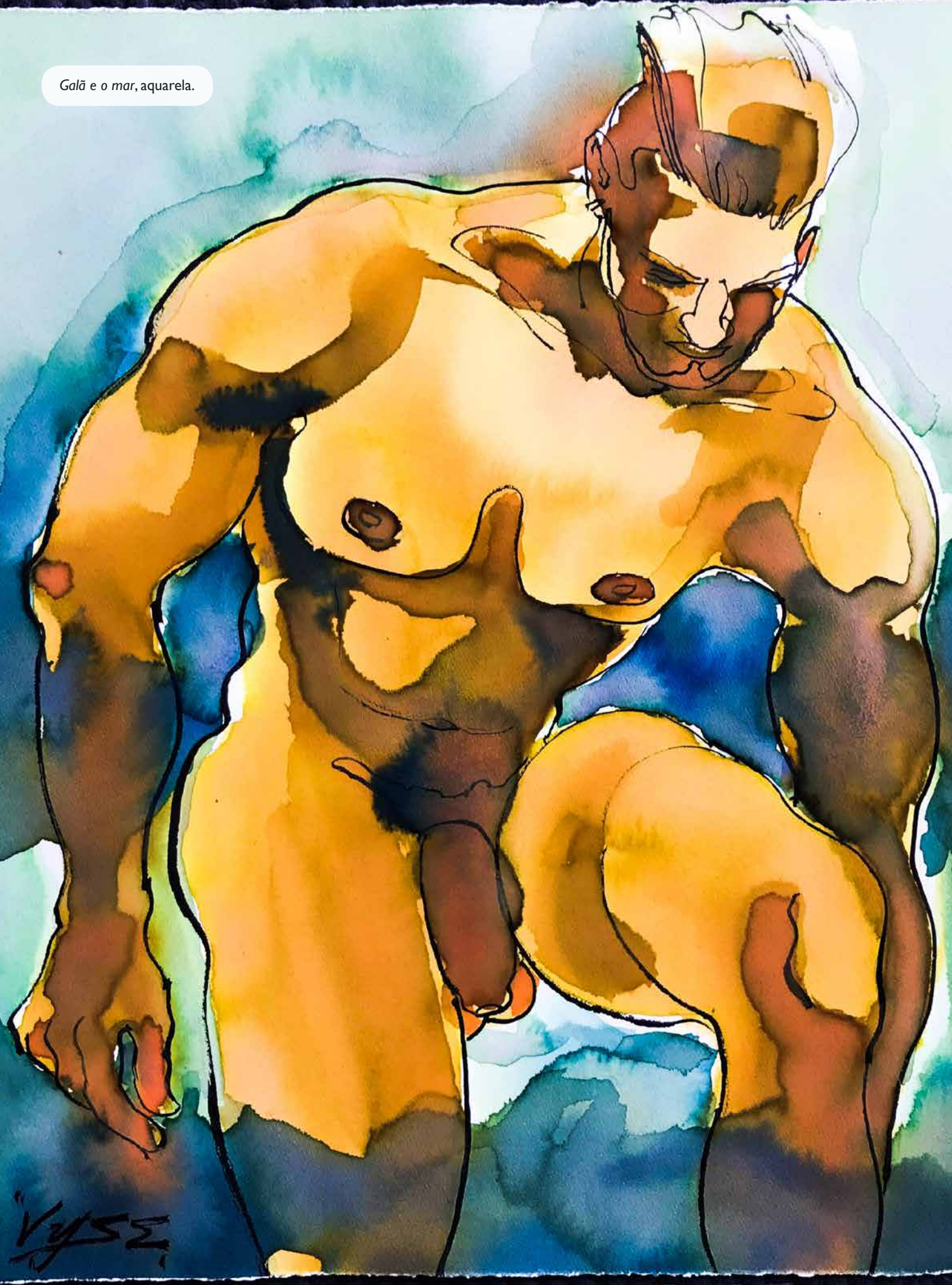
*Espreguiçar, caneta.*



*Man thoughts on line, caneta.*



Galã e o mar, aquarela.



V. S. Z.



Sonho molhado, lápis encerado e acrílica.

Red signature

Hoje, ele não desenha mais diretamente do modelo, mas utiliza ou fotografias que tira ou as que recebe de modelos com quem colabora. É interessante observar essa transformação da técnica que, no passado, deixou sua profissão obsoleta em uma atual ferramenta de produção.

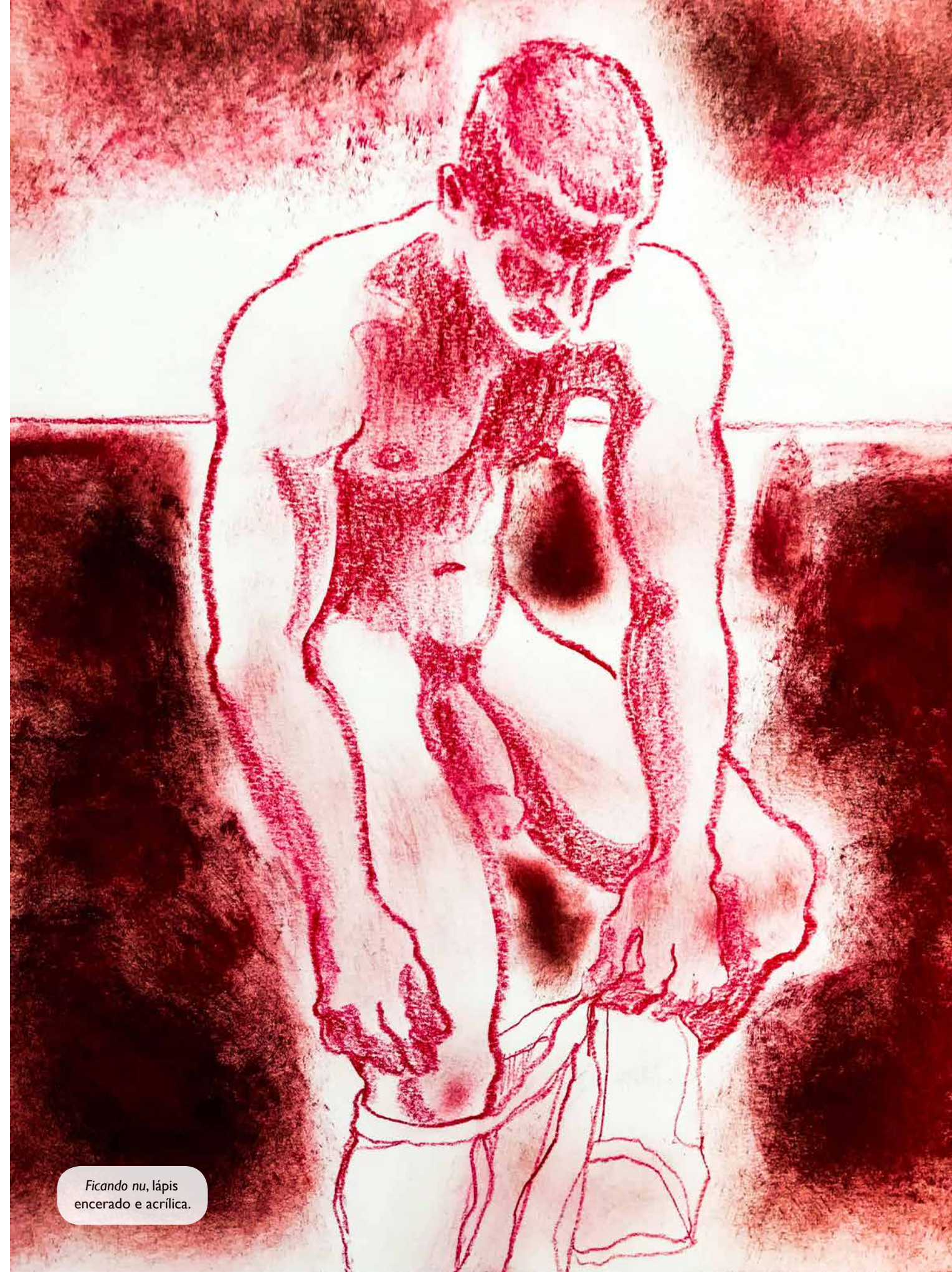
O artista enfatiza curvas e posições que mostrem o “pacote completo”. Ciente do público que compra e coleciona a temática, a maior parte de sua produção artística possui falos grandes e flácidos, pois reconhece a resistência em comprar arte com ereções.

Embora tenha mais aceitação geral, sabe que ainda existe uma sociedade conservadora que “acha que vai corromper os jovens”. Mas afirma:

*O que crio não é real, são linhas e pinceladas no papel. É uma fantasia.*

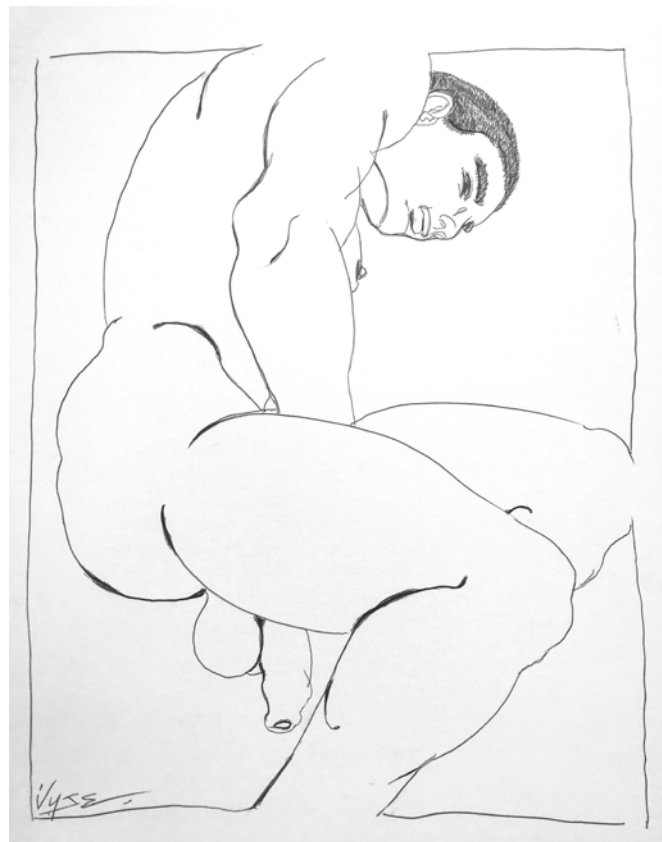


Man mood, acrílica.



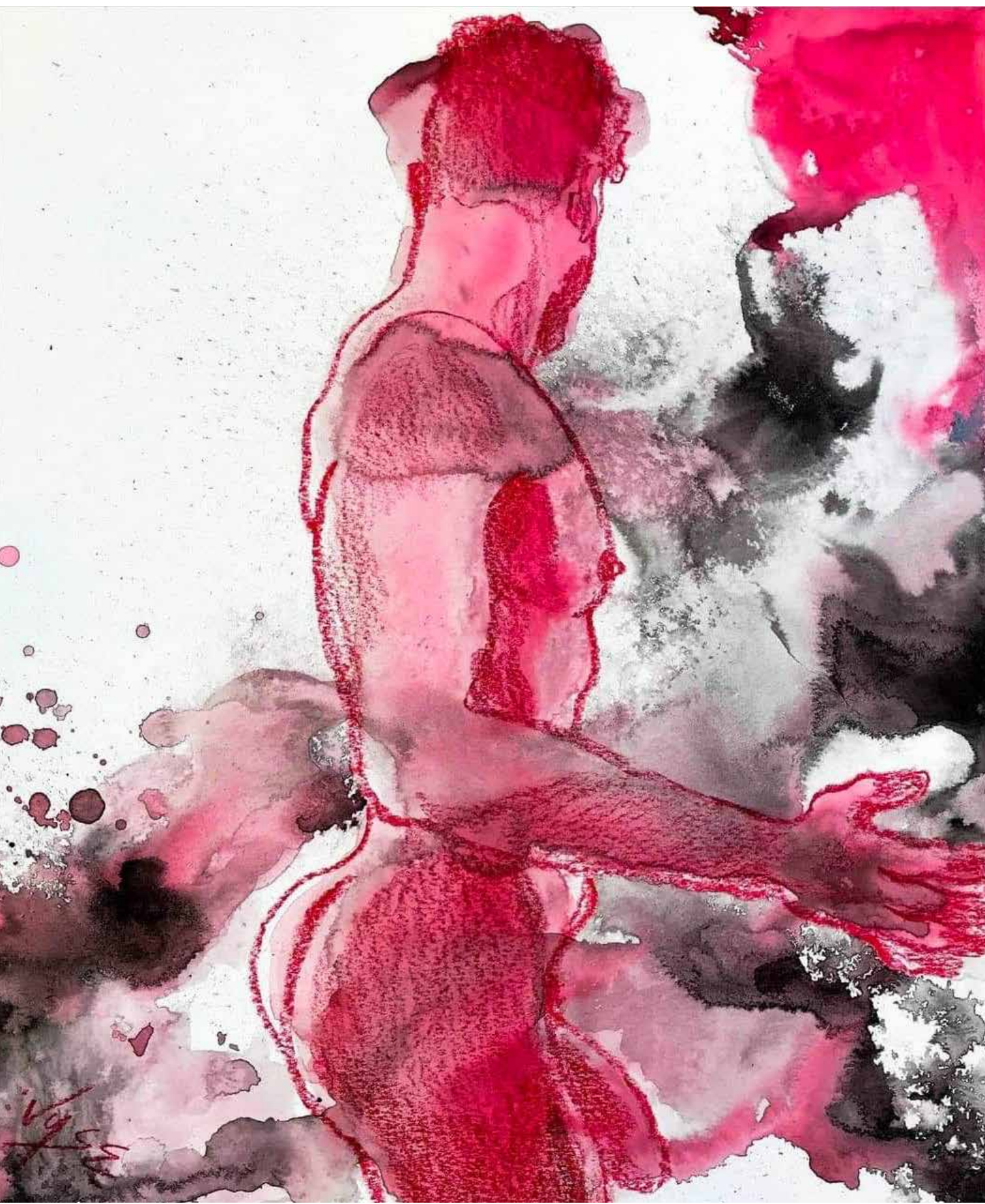
Ficando nu, lápis encerado e acrílica.

Man curves on line, caneta.



Man curves, caneta e acrílica.





Man surf, lápis encerado e nanquim.



Back surf, acrílica.





Atleta rosa, caneta e acrílica.

Acredita ter muito o que dizer sobre o nu masculino e, assim, sua busca pelo crescimento artístico continua independente da idade e do tempo.

*O tempo muda tudo... eu, o mundo, a arte, mas ainda tenho paixão por criar arte todos os dias.*

E é isso que deixa como mensagem para aqueles que desejam perseguir seus sonhos, que não desistem, que se inspirem sem copiar, que invistam na própria criatividade. **8=D**

16



Richard em seu estúdio.



Pineladas fortes, nanquim.



*Cirurgia  
plástica  
para você.*



*Dr. Alcemar Maia Souto*

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

# Gianni Rauso

por Filipe Chagas

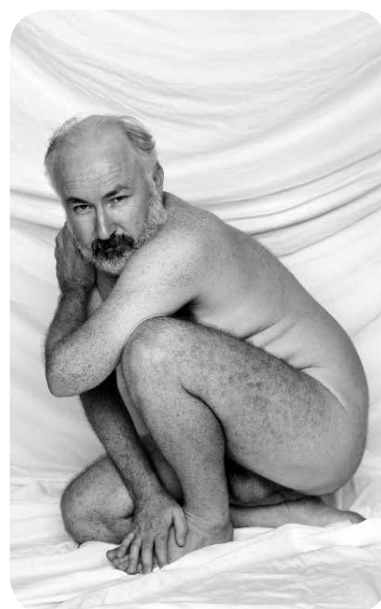
**G**ianni Rauso decidiu começar a fotografar nus masculinos em 1985 quando, com seu primeiro salário, conseguiu comprar uma câmera profissional de segunda mão. Mas não foi fácil: seus primeiros modelos foram os quatro rios da fonte na Piazza Navona que, pacientes, o permitiram estudar a luz e a sombra. Levou meses para encontrar um amigo (“um grande urso chamado Michele”) que aceitasse posar. O nervosismo afetou o resultado, mas não o desejo de prosseguir.



Obcecado por Robert Mapplethorpe, Herb Ritts, Bruce Weber e Peter Hujar, o artista lembra que sua opção por retratar a figura masculina vem de um livro sobre as obras de Michelangelo que ganhou ainda criança.

*A figura masculina é, para mim, o objeto/sujeito mais bonito da arte e é a protagonista absoluta da minha fotografia.*

A escultura é a arte que mais o emociona. Sua produção artística busca a sensação dramática tridimensional que vê todos os dias ao caminhar pelas ruas de Roma e se deparar com obras de Bernini e Canova.



Modelos: Stefano, Fabrizio, Terenzio, Don, Pierre, Vincenzo, Lipfy, Pietro, Danilo, Alessandro, David, Tudor, Bruno e Johannes.

Modelo: David.



Modelo: Richard.



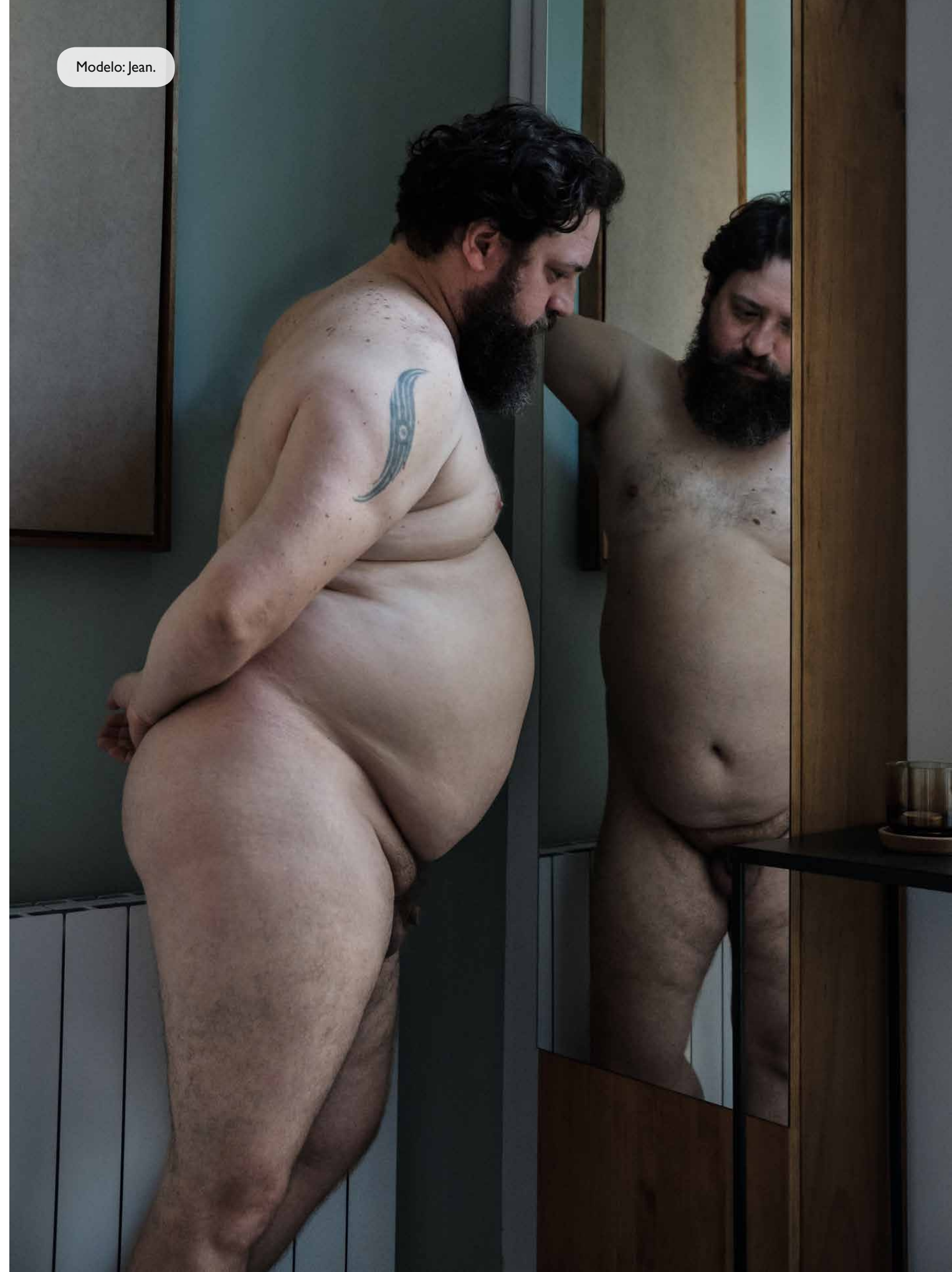
Ele gosta de afirmar que já estava na onda da “positividade corporal” muito antes de se tornar uma hashtag moderna (“o corpo é político, hoje mais do que nunca.”). Entretanto, seu desafio de retratar corpos grandes e curvilíneos que desestabilizam o dogma da beleza *mainstream* está nos próprios modelos que possuem questões particulares com sua autoimagem. Lidar com atitudes distintas influenciadas pela objetificação midiática que oferece imagens de corpos hipersexualizados e inatingíveis pode tornar o ambiente mais complicado.

*É minha missão mostrar a eles a beleza que eu enxergo, a beleza que eles acham estar oculta.*

Modelo: Frank.



Modelo: Jean.



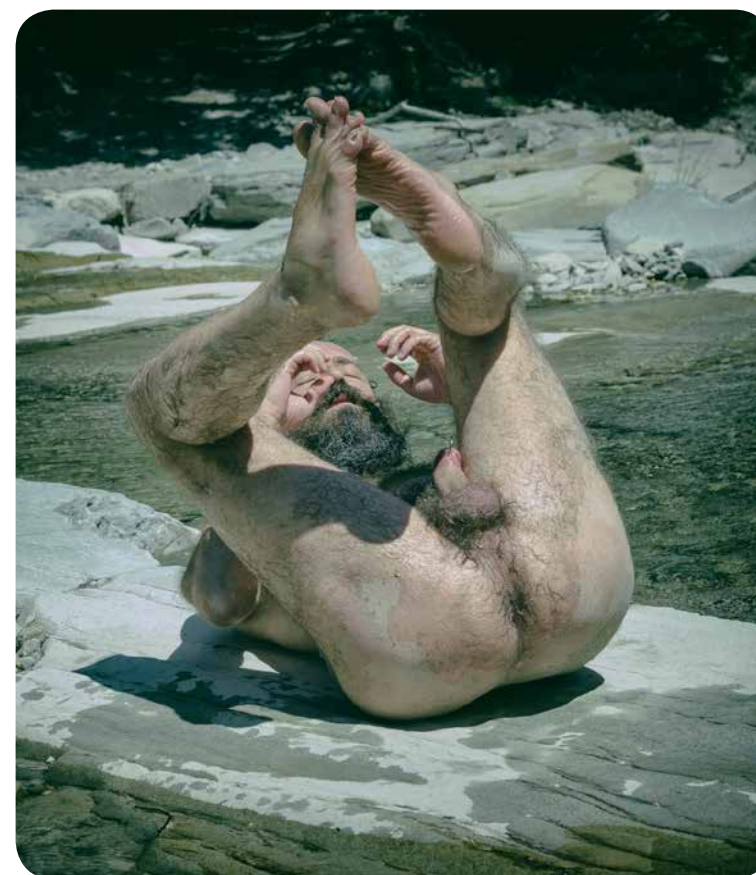


Modelo: Brandyn.

Isso nunca o impediu, é claro, de continuar e de conseguir revelar intimidade, dignidade e personalidade. Normalmente, Gianni apresenta seu portfólio para os modelos que deseja retratar e já discute as poses para a sessão de fotos. Prefere trabalhar sozinho não só para manter sua visão criativa, mas também para evitar intimidações por parte daqueles que não possuem um bom relacionamento com seus corpos.

Rostos, mãos e bundas (“tenho uma paixão vitalícia por bundas grandes e redondas!”) atraem o olhar do fotógrafo, que também não se intimida pelo nu frontal ou por uma ereção:

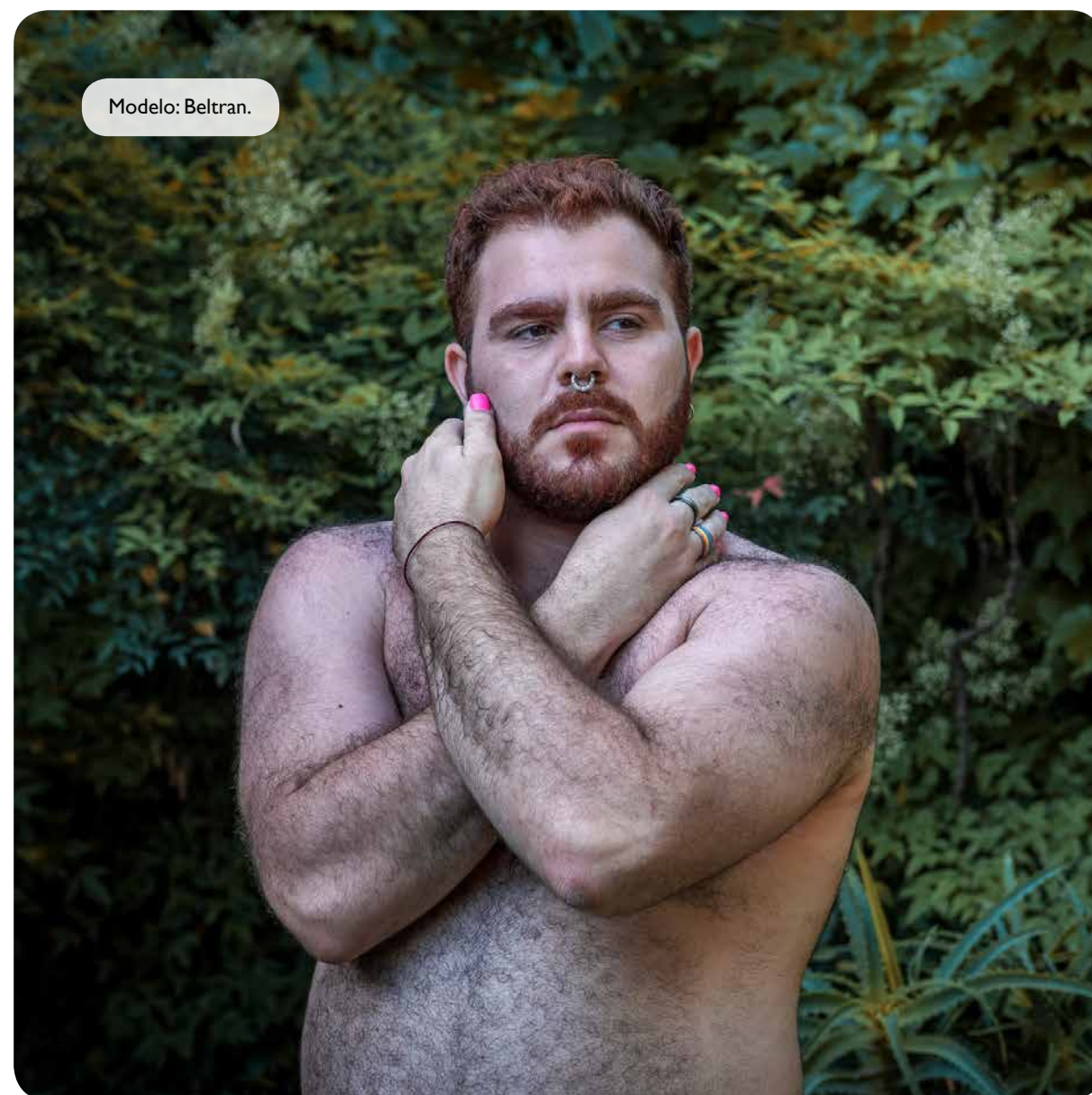
*Depende do quanto o modelo se sente confortável. Quando acontece, é excitante, vital, energético.*



Modelo: AZT.



Modelo: David.



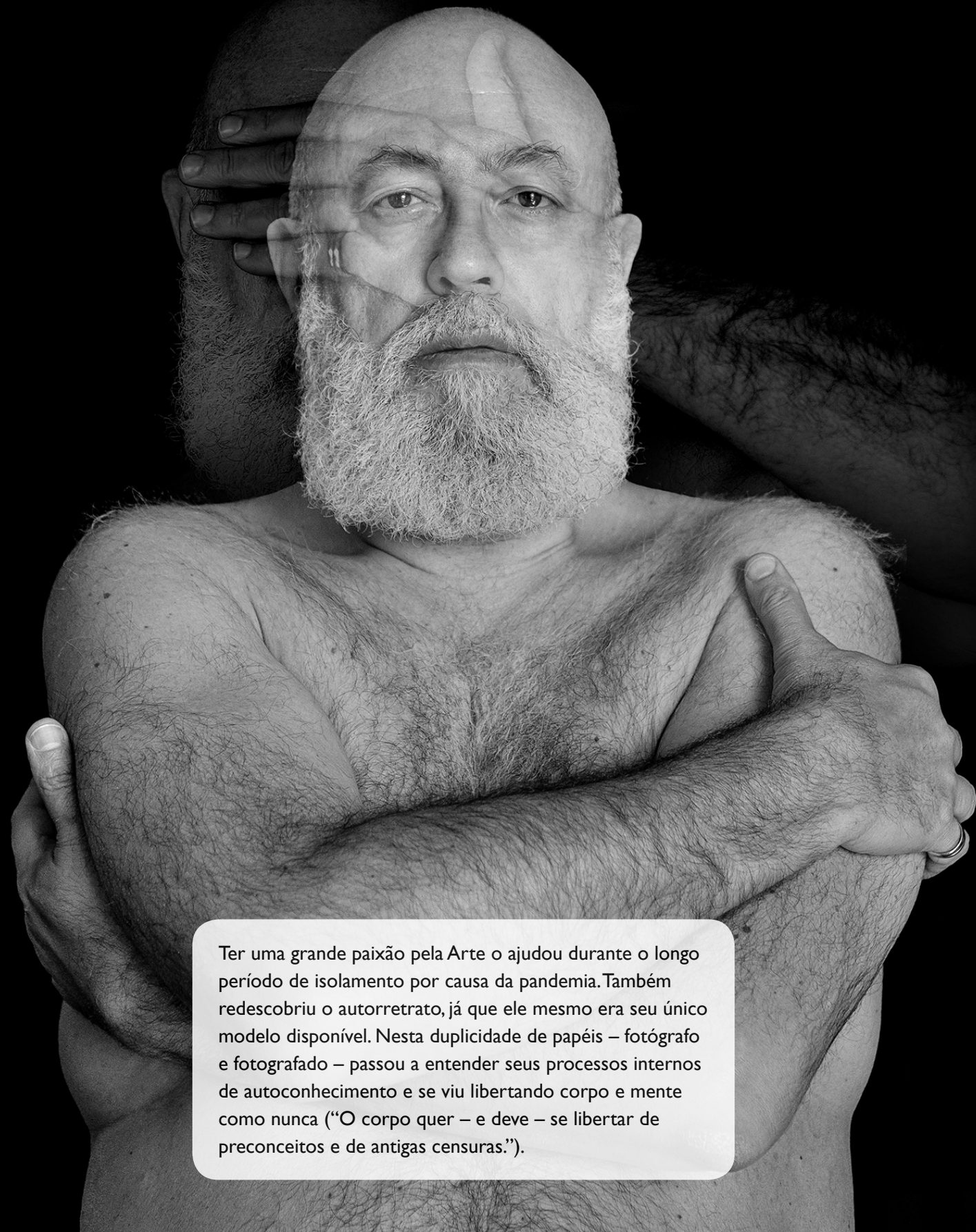
Modelo: Beltran.

Modelo: Piero.

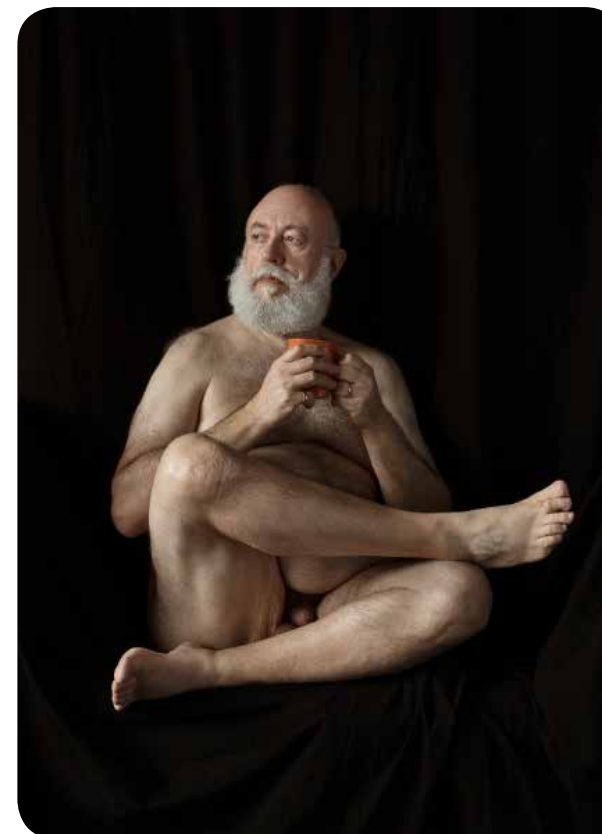
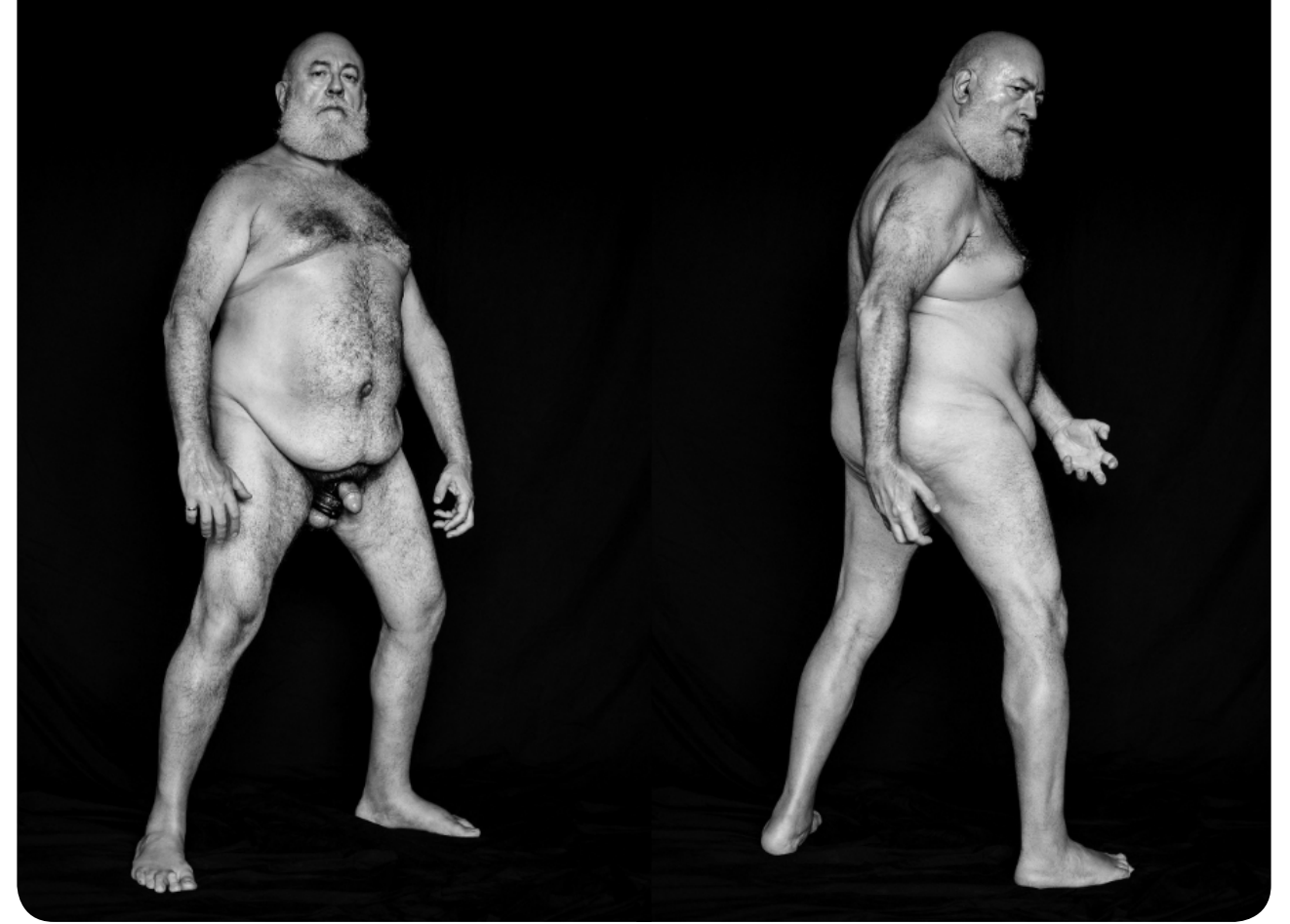


Modelo: Benny.





Ter uma grande paixão pela Arte o ajudou durante o longo período de isolamento por causa da pandemia. Também redescobriu o autorretrato, já que ele mesmo era seu único modelo disponível. Nesta duplicidade de papéis – fotógrafo e fotografado – passou a entender seus processos internos de autoconhecimento e se viu libertando corpo e mente como nunca (“O corpo quer – e deve – se libertar de preconceitos e de antigas censuras.”).





Modelos: Ivan e Gabo.



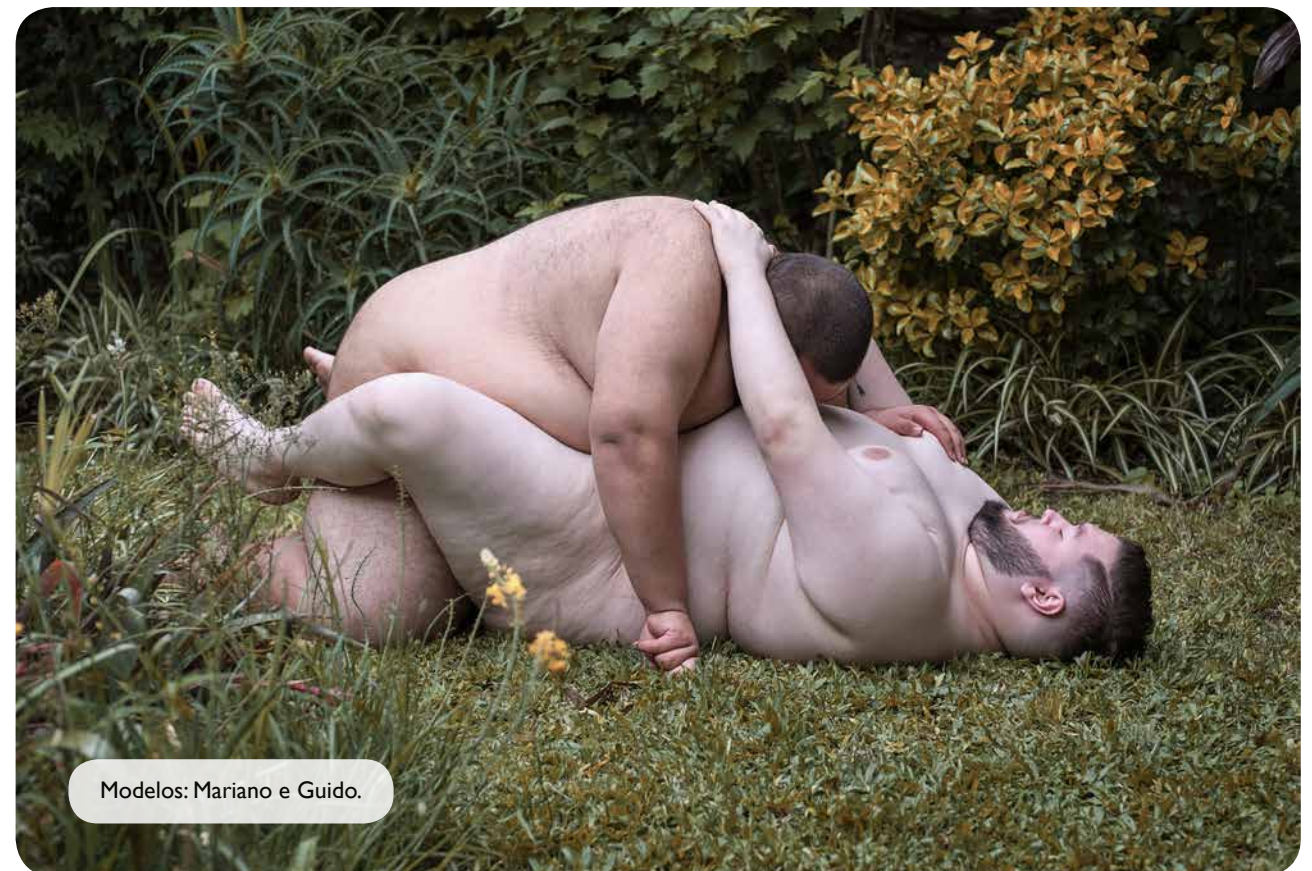
Modelos: Valeri e Germano.

Hoje aposentado como contador, Gianni acha que já tem muita gente se autodenominando “artista”. Alguns o chamam de “maestro” contra sua vontade, já que ele se considera apenas um apaixonado por fotografia e homens.

Percebe que as coisas mudaram muito nos últimos anos, especialmente com a tecnologia, seja pela abordagem através de aplicativos, o uso (e abuso) das redes sociais e a forte censura sem critério. Nota também que ganhou maior alcance em vários países e, conseqüentemente, maior credibilidade profissional.

*Minha constante luta em retratar corpos e belezas diversas está alcançando um público maior e mais sábio. Finalmente!*

Bravo, Maestro! **8=D**



Modelos: Mariano e Guido.

Falo de História

por Filipe Chagas

Soldados espartanos  
se banhando, óleo  
sobre tela, 1956.

# George Quaintance

1902-1957



Você simplesmente não tem como ignorar **George Quaintance** (1902-1957). Dê uma olhada em sua obra kitsch repleta de fisiculturistas brilhantes, datada de uma era anterior à defesa queer, à crise da AIDS e à revolução sexual... Uma era potencialmente insegura em que o artista proclamou a necessidade e o direito de se perder em uma fantasia.

George era filho de um agricultor e comerciante de produtos secos. Seus pais permitiram que ele desenvolvesse seu potencial artístico em vez de forçá-lo ao seu modo de vida. Frequentou a Stanley High School até 1920, onde foi aclamado popularmente por seu talento em peças escolares. Desde a adolescência, era descrito como “obviamente homossexual”. No entanto, era bastante discreto e totalmente fechado entre familiares, amigos e fãs, repetindo um padrão então bastante comum de homens gays que saíram de casa para levar uma vida homossexual.

Depois de se formar, mudou-se para Nova York, onde fez aulas noturnas na Art Students League com Norman Rockwell – com quem aprendeu a usar o “balóptico”, uma espécie de retroprojetor que o permitia alcançar suas formas hiperidealizadas. Também atuou como ator de Vaudeville, estudou dança e chegou a ter uma carreira como dançarino profissional. Casou-se com a bailarina Miriam Chester, em agosto de 1929, mas terminou em divórcio antes do primeiro aniversário. Durante os anos 1930 e início dos anos 1940, Quaintance muitas vezes retornou à sua terra natal para dirigir revistas musicais e apresentações de palco usando talentos locais.



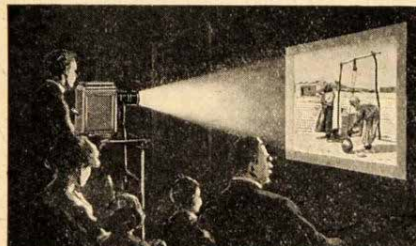
Retrato por Edwin Townsend.

Seus primeiros trabalhos artísticos foram propagandas anônimas, porém, algumas de suas primeiras pinturas da década de 1930 prenunciavam o caminho que viria a seguir. Em 1938 – ano que conheceu o porto-riquenho Victor Garcia, seu parceiro de vida, de negócios e modelo mais frequente –, o artista havia voltado seu formidável talento para cenários elegantes, vitrines de lojas de departamentos na Quinta Avenida de Nova York, maquiagem feminina e até penteados. Tornou-se retratista particular de estrelas como Mae West e Hedy Lamarr, e fez muitas ilustrações pin-up para revistas femininas como *Glorify your Figure* e *Your Figure Beautiful*. Em janeiro de 1939, um artigo no *Picture and Gift Journal* declarou suas pinturas de figuras femininas como “nus glamorosos que derrubam qualquer um”.

Quando se tornou freelancer para revistas pulp “picantes” – como *Gay French Life*, *Stolen Sweets* e *Tempting Tales*, entre outras, que eram vendidas em salões burlescos e de forma velada em bancas de jornais – seu nome, Geo Quintana, começou a aparecer. Em 1944, foi nomeado diretor de arte do Bonomo Culture Institute, que promovia Joe Bonomo, um famoso e carismático fisiculturista que apareceu em vários filmes. Lá desenvolveu a estética corporal de seus personagens: cabelos penteados para trás, músculos enormes em corpos brilhantes e sem pelos. Mudou-se para Los Angeles em 1948 para condizer com sua vida hollywoodiana.

Pescador kanaka, óleo sobre tela, 1940.





The Home Balopticon — our latest model

## Picture Machines for Home Entertainment are as enjoyable as talking machines.

# THE Bausch and Lomb BALOPTICON

Leading manufacturers in America of photographic and ophthalmic lenses, microscopes, engineering instruments, magnifiers, field and opera glasses, and scientific laboratory equipment.

FOR the showing of prints, photos, postals, etc., or for lantern slides, if you prefer. Many styles to meet every requirement and many advantages over less scientifically constructed instruments. Photographic dealers everywhere will show you Balopticons.

Interesting Balopticon Booklet “Fun and Better” on Request

Bausch & Lomb Optical Co., 570 St. Paul St., Rochester, N. Y.

Anúncio do balóptico.

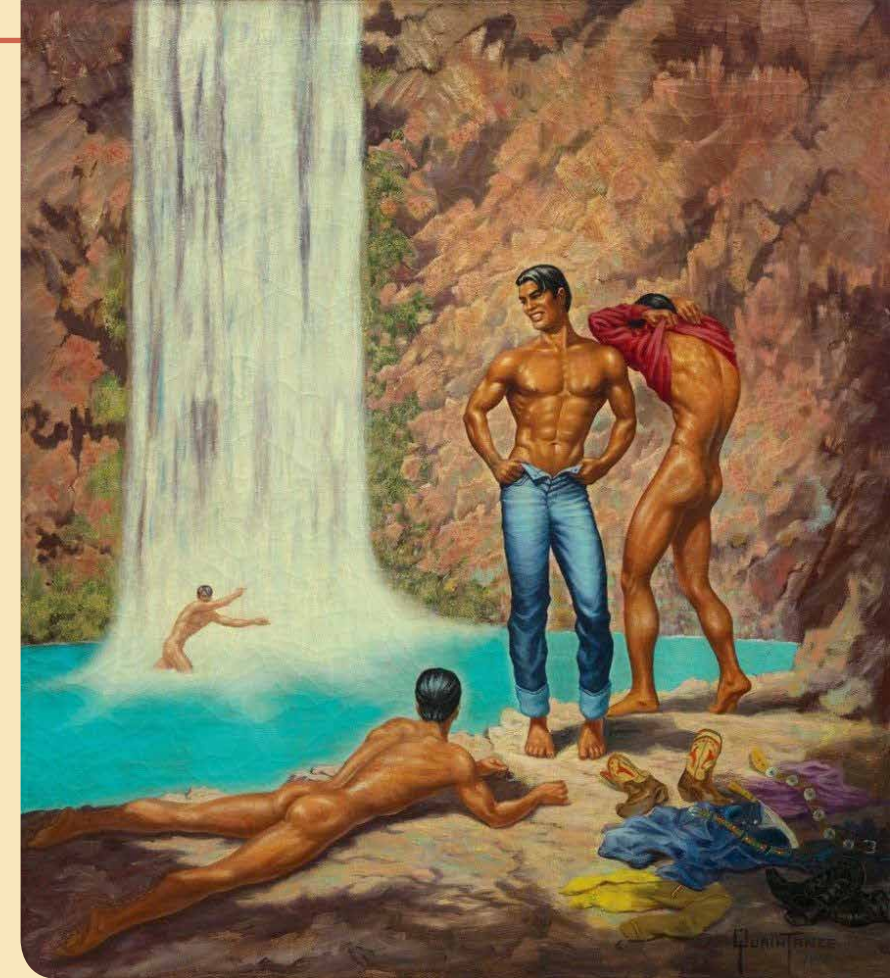


Arrojado, óleo sobre tela, 1951, que foi utilizado na capa da primeira edição da *Physique Pictorial*.

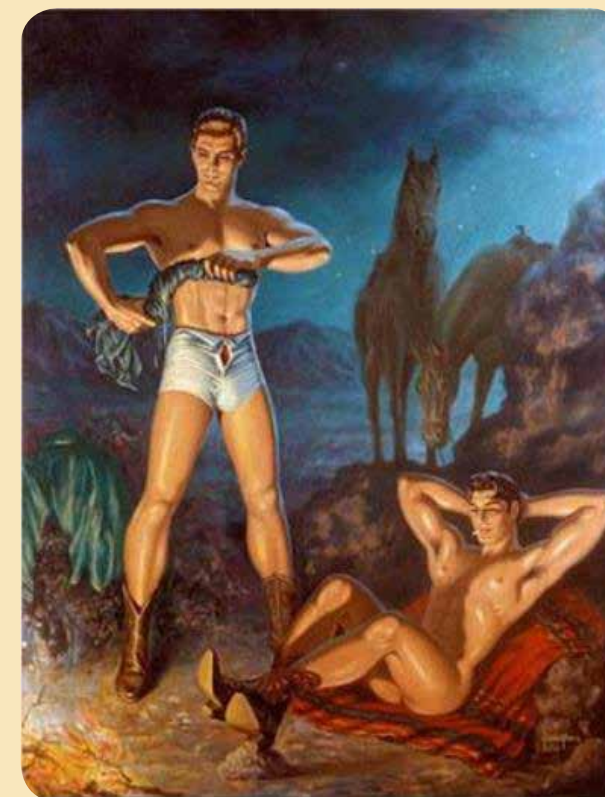
Foi com a lendária *Physique Pictorial* – fundada em 1951 por Bob Mizer – que ele pode se soltar artisticamente e fazer furor (inclusive, se tornar um pesadelo para a censura americana). Quintance ilustrou, fotografou e até escreveu para uma linha de revistas de fisiculturismo, que incluía *Body Beautiful* e *Your Physique*, tendo o atleta Dick Dubois e o ganhão ítalo-americano Zaro Rossi, entre outros, como modelos.

Em 1952, mudou-se para o *Rancho Siesta* em Phoenix, Arizona, onde se concentrou na criação de sua série mais bem-sucedida de pinturas de fantasia homoerótica (com ajuda de Victor que passou a cuidar das fotografias dos modelos nus). Christopher Harrity – gerente de produção de revistas como *The Advocate* e *Out* – diz que o estúdio “foi pensado como um paraíso boêmio, um conceito de marketing engenhoso e extremamente bem-sucedido, o mais próximo que o oeste americano já chegou de uma encarnação honesta de Xanadu ou Shangri La”. Isso se deve ao fato de Quintance ter crescido fascinado pelo Velho Oeste Selvagem sem conseguir se identificar com o machismo estrutural. Harrity completa:

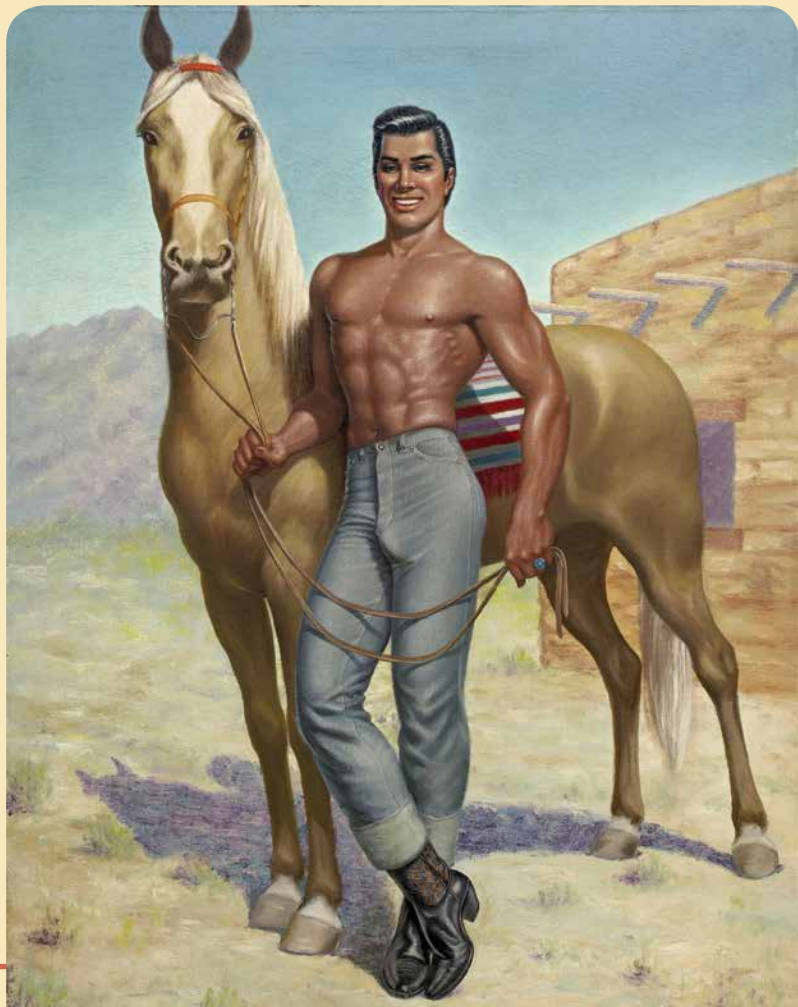
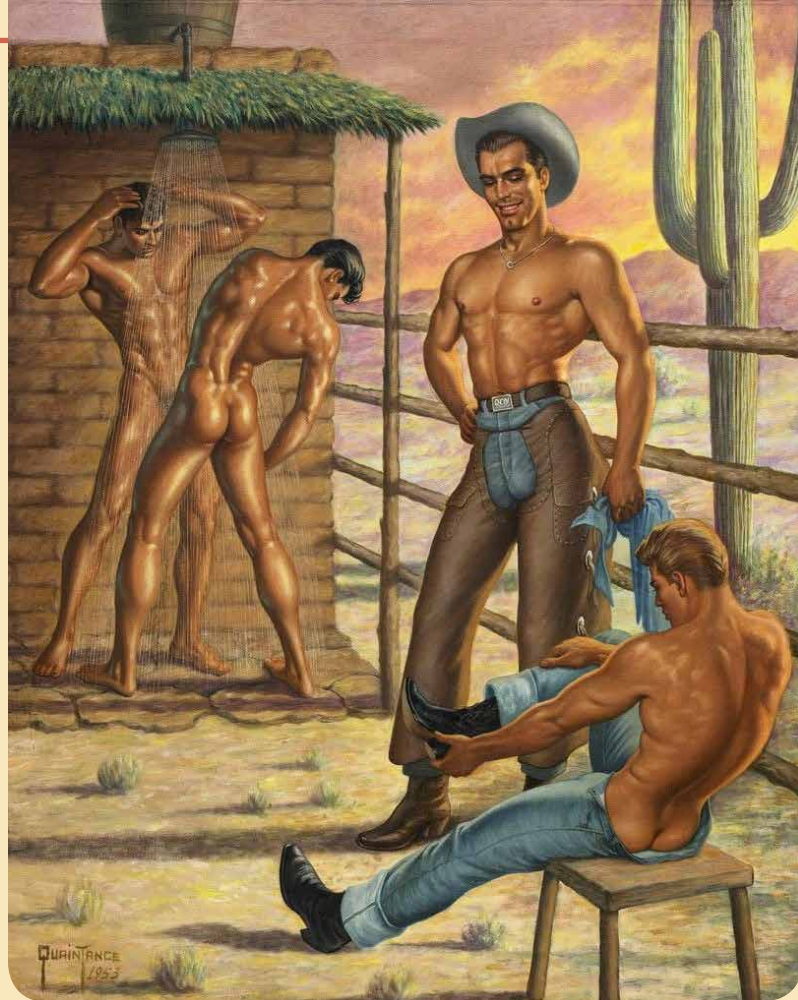
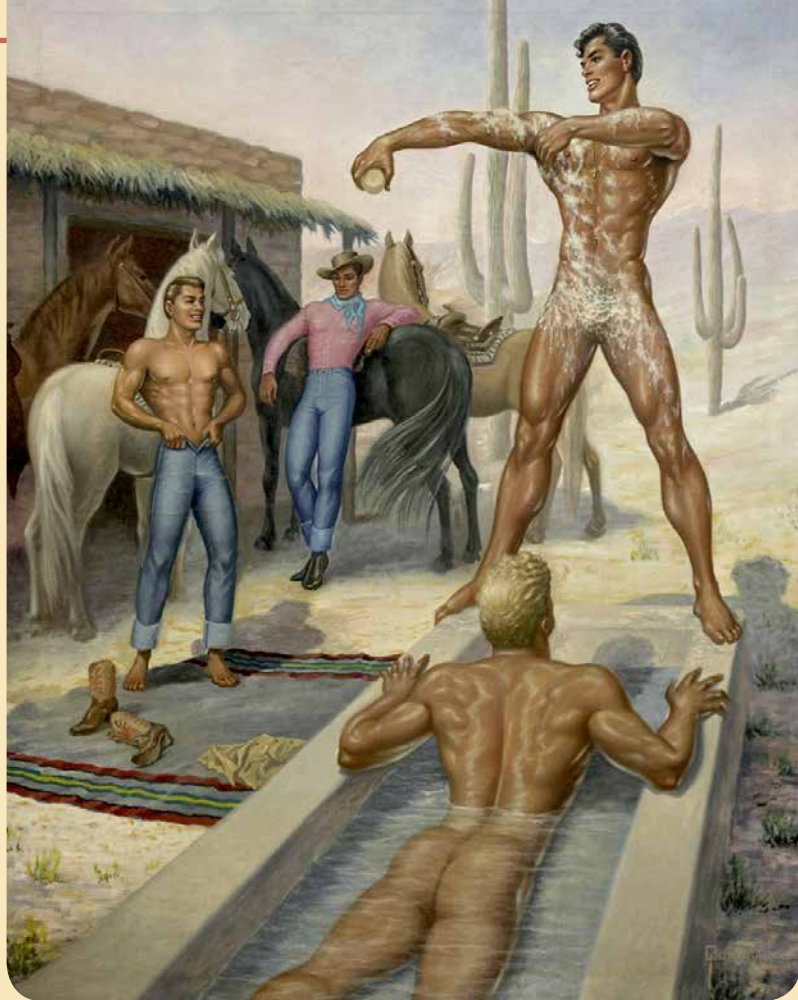
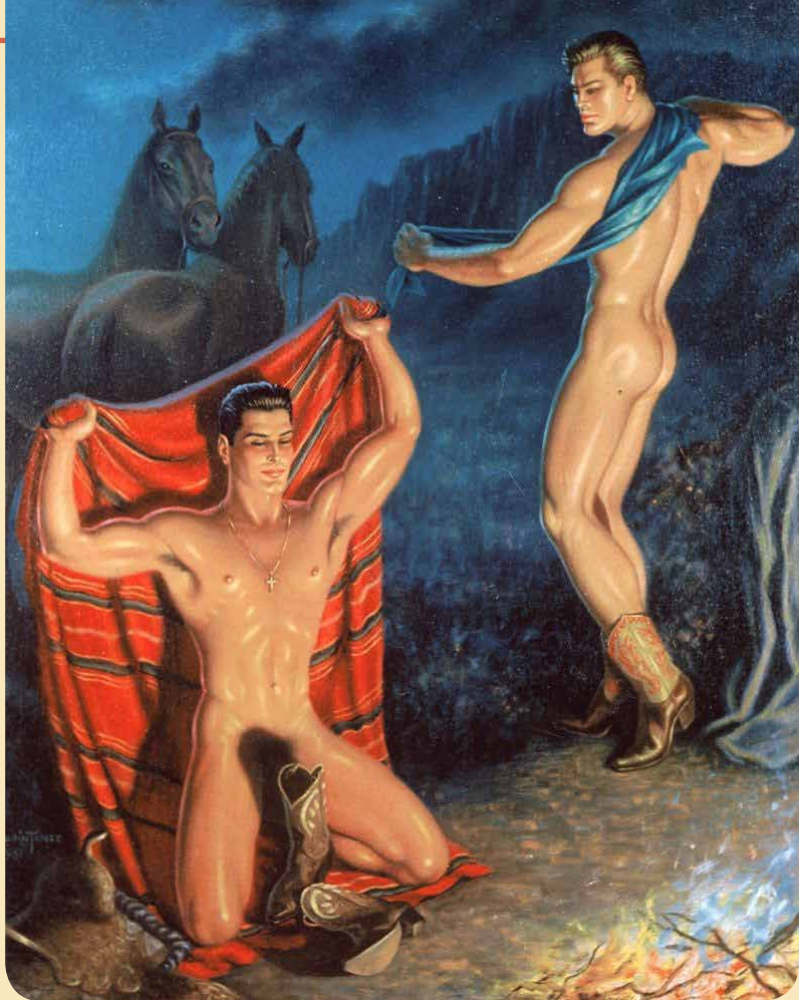
*Ele ofereceu imagens masculinas idealizadas para um público internacional faminto por elas. Imagens em um contexto robusto, masculino, romântico, e também sensual e erótico que ajudaram a transformar a Levi's em uma roupa sexy e útil.*



Acima, *Enseada Havasu* (1948) e, abaixo, *Depois da tempestade* (1951), ambos em óleo sobre tela.

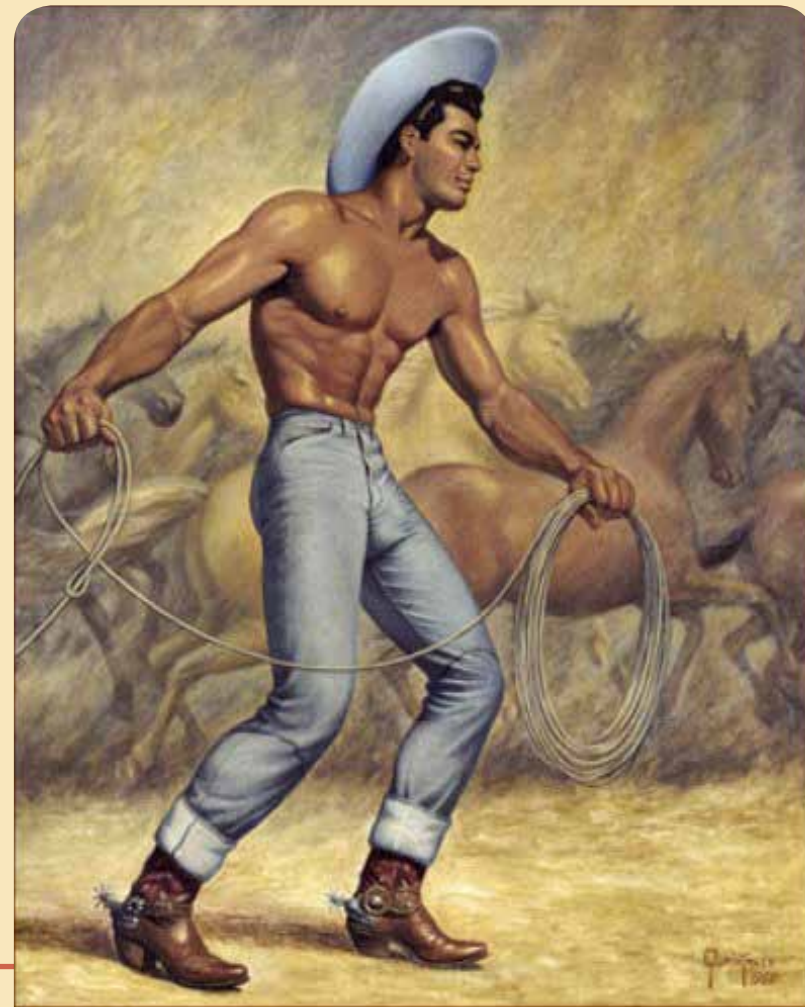
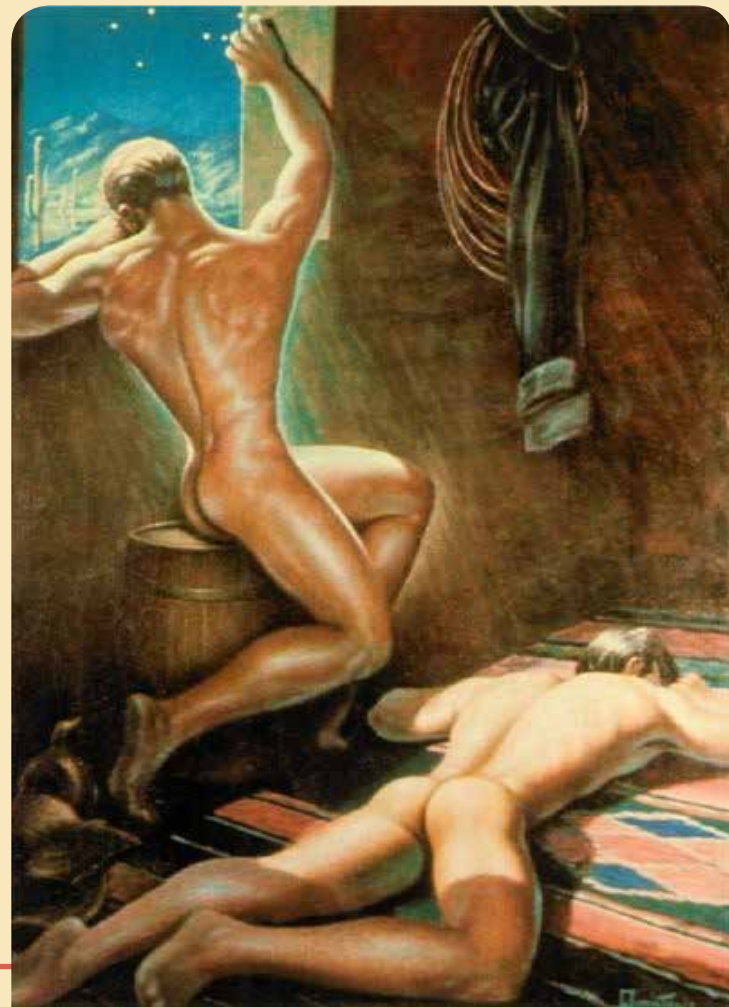
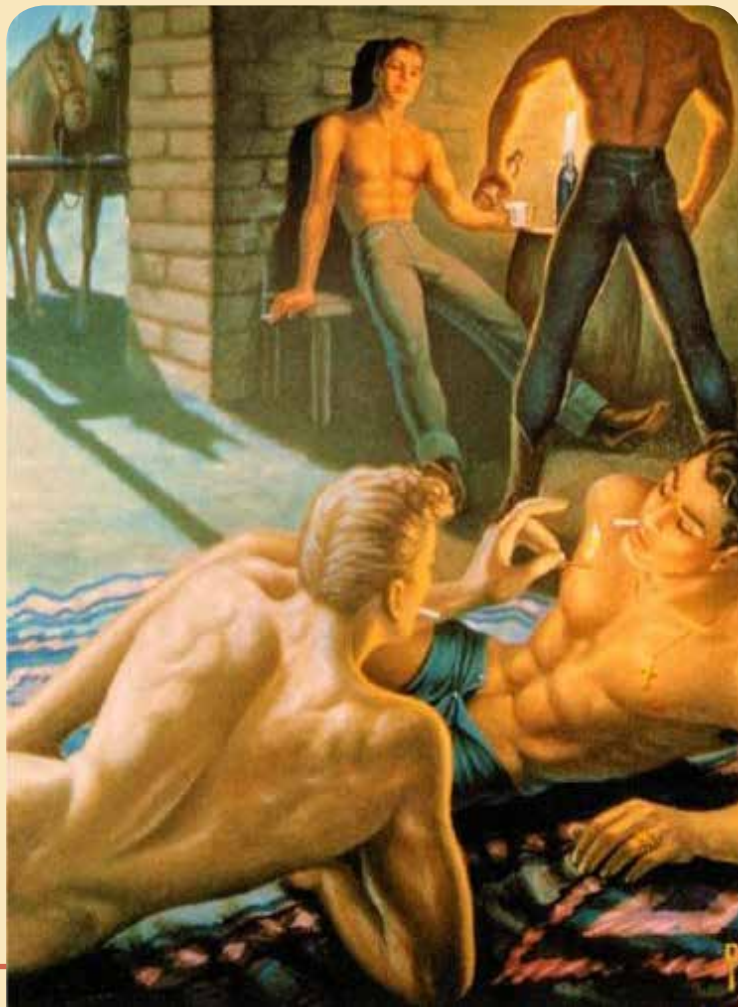
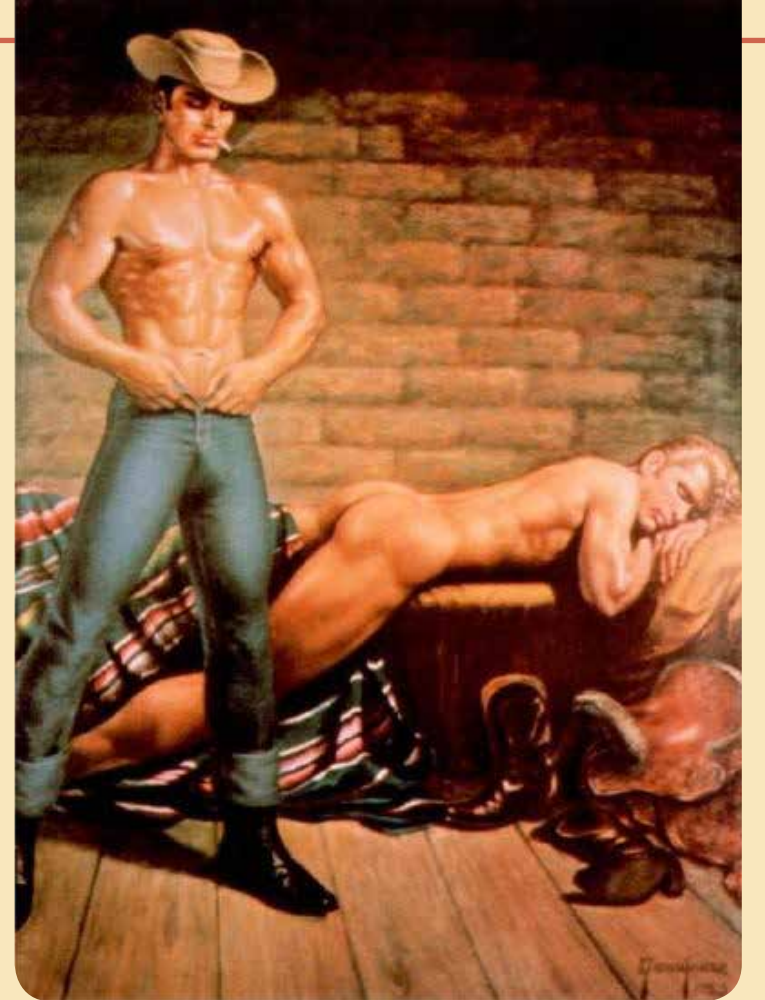
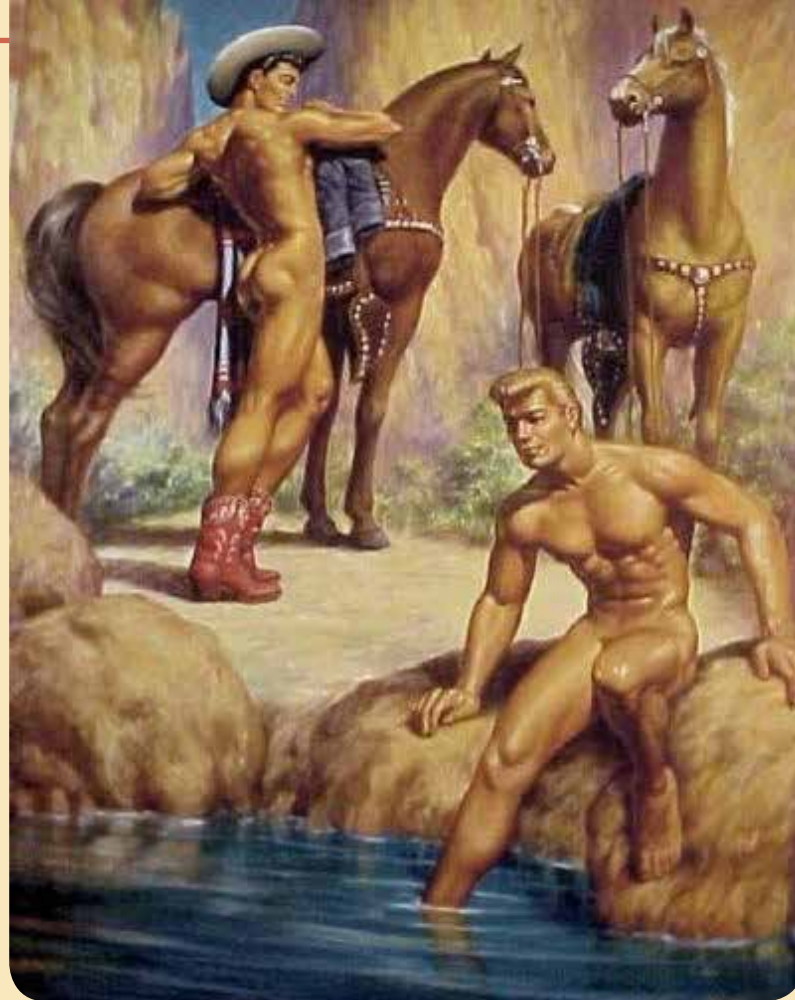
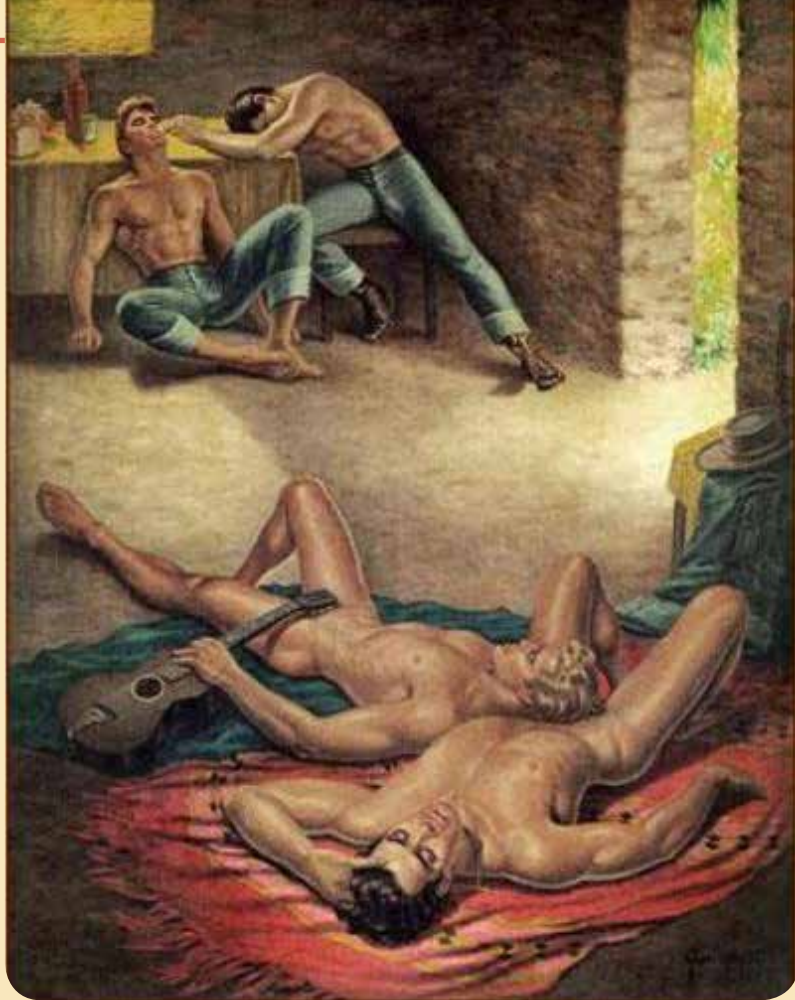


Trovoada (1951),  
Manhã no deserto  
(1952) e Pôr-do-sol  
(1953), todos em  
óleo sobre tela.



Manolo (1952),  
Jovem garanhão  
(1951) e Navajo  
(1953), todos em  
óleo sobre tela.

Siesta (1952),  
Lago Apache (1954)  
e Nascer do sol  
(1953), todos em  
óleo sobre tela.



Noite no deserto  
(1951), Luar (1953)  
e Poeira vermelha  
(1955), todos em  
óleo sobre tela.

Bandido, óleo sobre tela, 1953.



Depois da caça, óleo sobre tela, 1954.

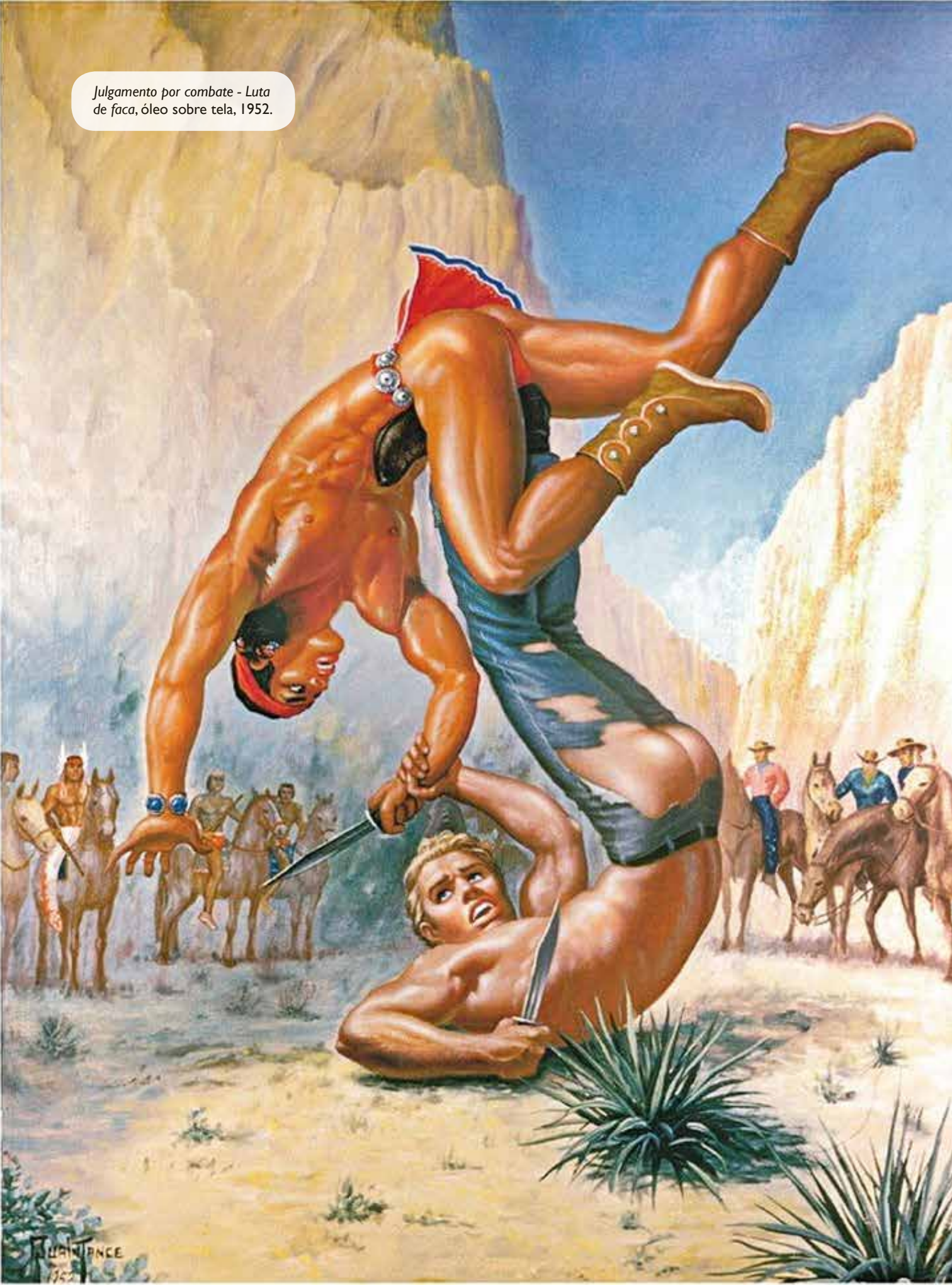


Além de amantes latinos, indígenas selvagens, vaqueiros vigorosos e fazendeiros esculpido, o mundo de fetiche e sedução criado por ele encontrou inspiração na mitologia para justificar a nudez e distanciar os personagens da sociedade moderna. Muitos acreditam que o boneco Ken, namorado da Barbie que apareceu na década de 1960, foi inspirado em seu Zeus (que, na verdade, fora inspirado por Steve Reeves, ator e fisiculturista, Mr. América em 1947 e Mr. Universo em 1950). Também aproveitou uma masculinidade antiga e uma saída socialmente aceita para interações físicas entre homens – a violência – como em *Lutadores egípcios* (1952) e *Julgamento por Combate - Luta de faca* (1952).

Nos braços de Morfeu (1951), Zeus (1956) e *Lutadores egípcios* (1952), todos em óleo sobre tela.



Julgamento por combate - Luta de faca, óleo sobre tela, 1952.



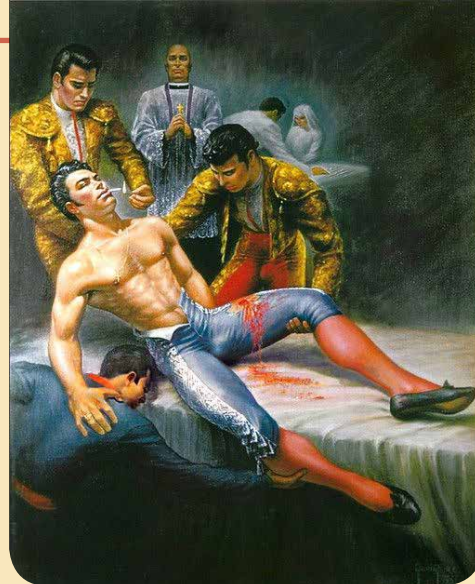
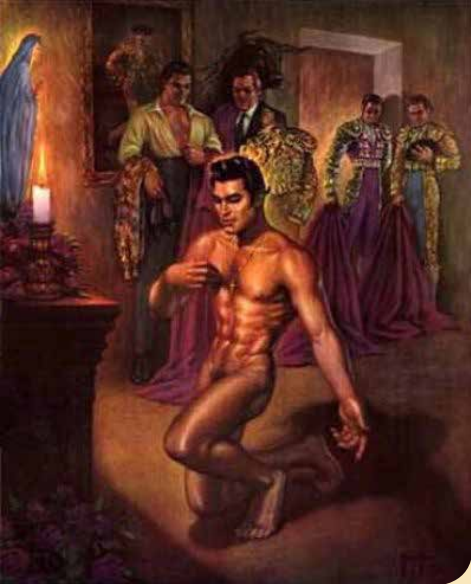
QUINTANCE  
1952



Sacrificio asteca, óleo sobre tela, 1952.

QUINTANCE  
1952





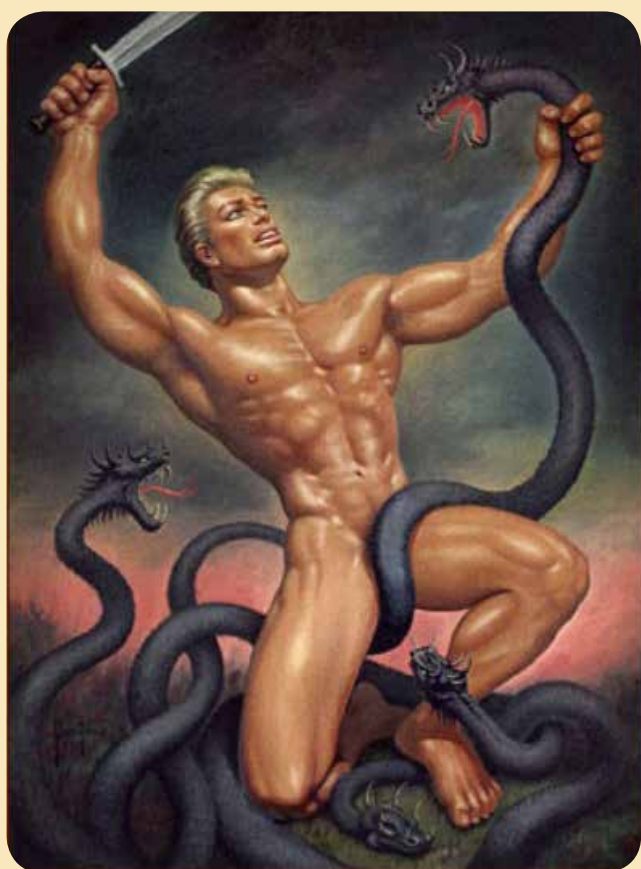
Em 1953, Quaintance completou uma série de três pinturas sobre um toureiro (*Prelúdio*, *Glória* e *Moribundo*), modelado por Angel Avila, um de seus amantes. Em uma carta a um amigo, escreveu que as pinturas “foram feitas em turbulência, em paixão... eu poderia até dizer em agonia emocional”.

Acima, a trilogia do matador (1953). Abaixo, *Hércules*, óleo sobre tela, 1957.

No pós-Segunda Guerra Mundial, Quaintance e Garcia começaram a comercializar fotografias em preto e branco de seus modelos quase nus e impressões coloridas das pinturas. Chegou a escrever para um amigo que

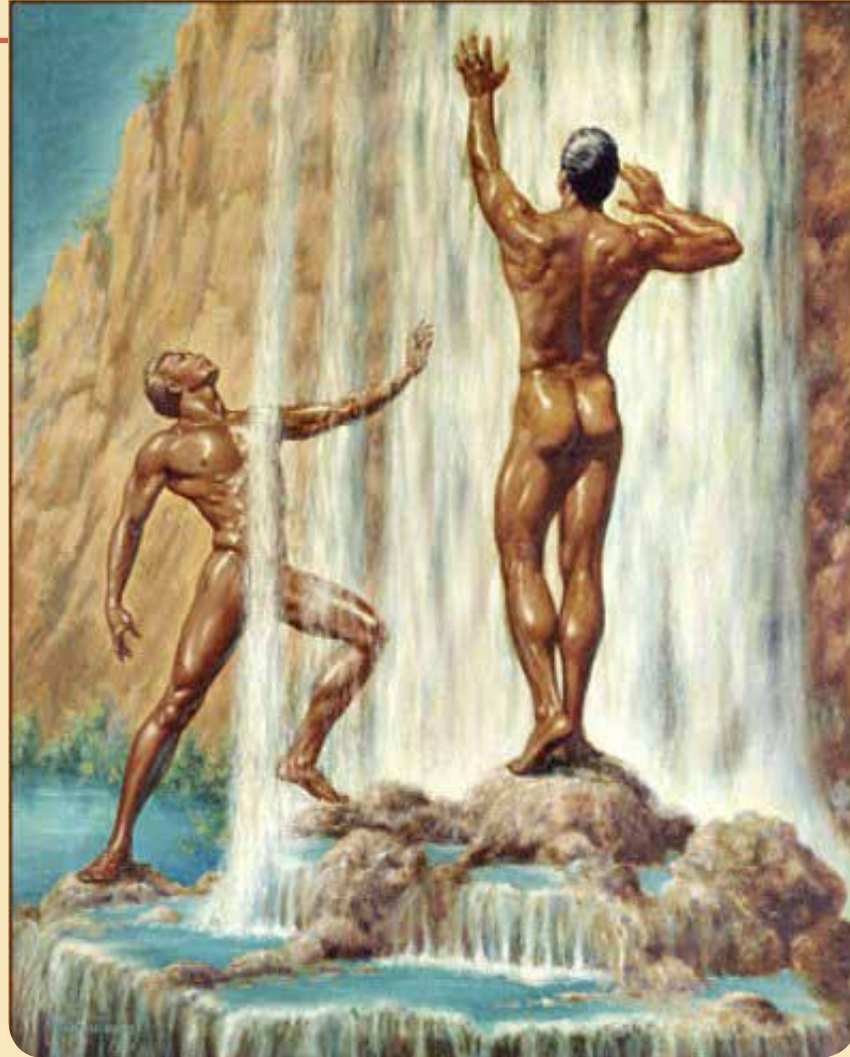
“os negócios cresceram em proporções fantásticas e estou praticamente louco tentando acompanhar a demanda”. Em 1954, seu trabalho apareceu na revista suíça *Der Kreis*, uma das primeiras publicações abertamente gays do mundo.

Diferente de Tom of Finland – seu sucessor na *Physique Pictorial* – os genitais estavam sempre estrategicamente escondidos em suas obras. Não por uma questão de censura, de política ou de contexto social: Quaintance pintava o prazer utópico, o sonho, o desejo. E ele se autorretratava como o personagem loiro, mesmo quando seu corpo de dançarino já não possuía a mesma forma física e seu cabelo já estava ralo (conta-se que usava perucas elaboradas, muitas vezes com resultados cômicos para aqueles que percebiam).

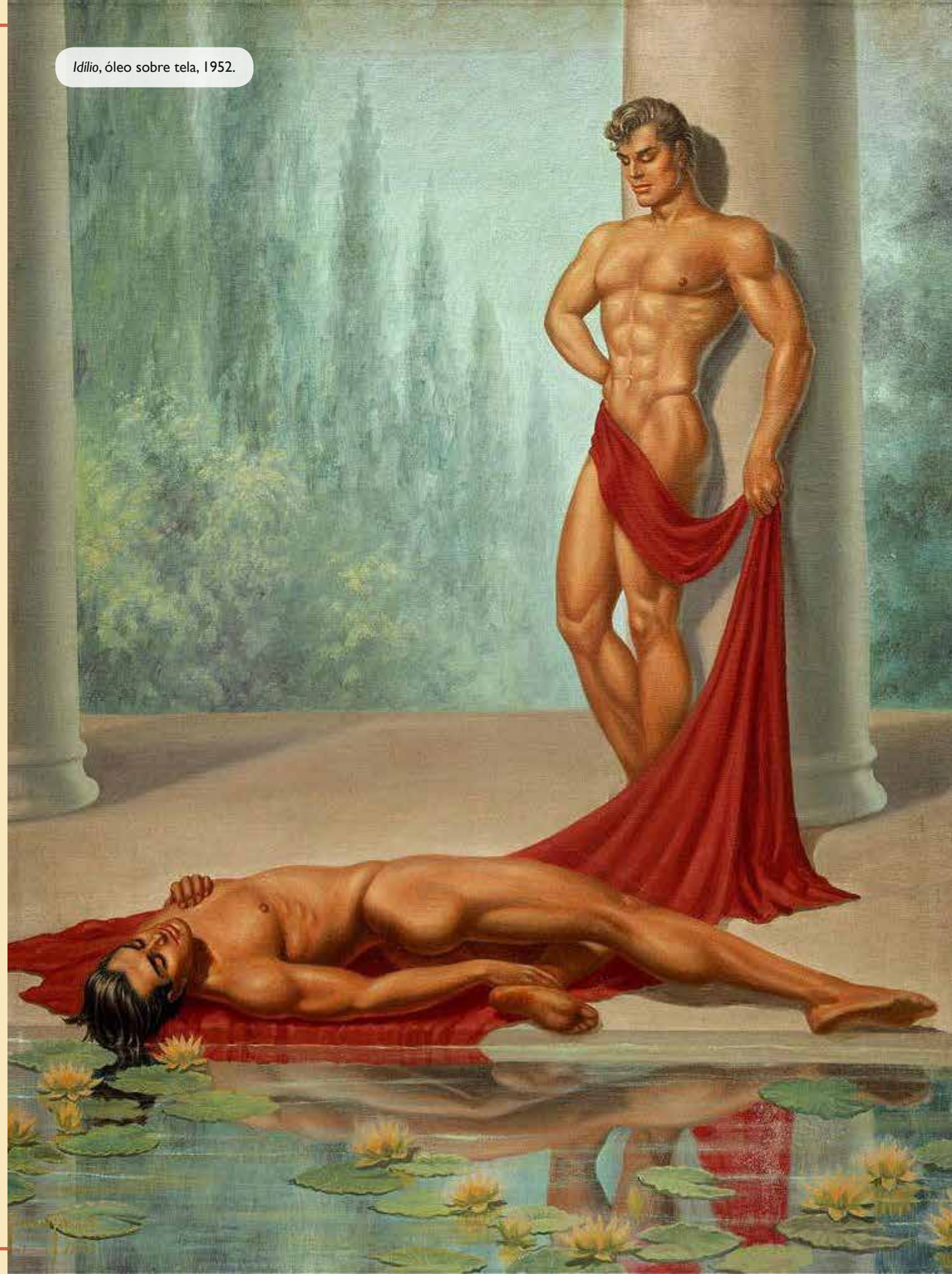


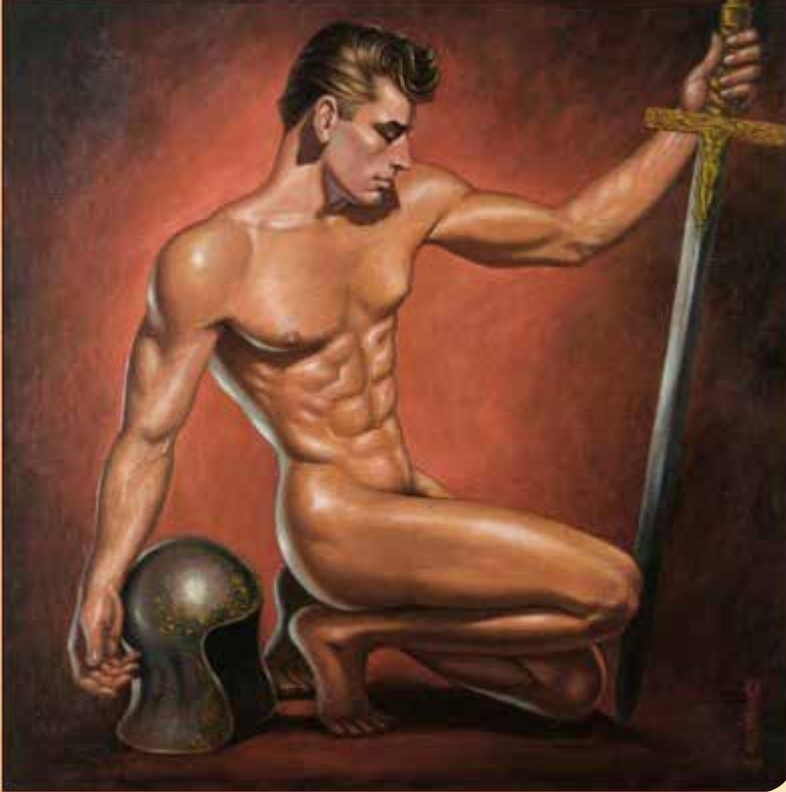
Orfeu no Hades, óleo sobre tela, 1952.

Ao lado: *Cachoeira Arico-Íris*, 1954.  
Abaixo, *Profundidade da luz solar e Recife de Corais*, 1956.  
Todos em óleo sobre tela.



*Idílio*, óleo sobre tela, 1952.





Acima: *O cruzado*, 1943.  
Abaixo: *O falcoeiro*, 1957.  
Ambos em óleo sobre tela.



Apesar de reconhecido como criador de uma estética gay historicamente influente, a temática impediu que seu trabalho fizesse parte do mundo convencional da arte: sua única exposição em galeria ocorreu quando um amigo emprestou *O cruzado* para uma mostra de obras de artistas americanos dos anos 1950. Mesmo assim, suas poucas pinturas são altamente valorizadas e raramente leiloadas, sendo vendidas em particular por quantias não reveladas.

Quaintance morreu de ataque cardíaco em 8 de novembro de 1957, aos 55 anos. Ao relatar a morte do artista, Mizer o descreveu como “um perfeccionista que se dirigiu impiedosamente, escravizando-se dias e noites a fio (tomando benzedrina para ficar acordado), para ser aclamado como o pioneiro de uma cultura que foi quase ignorada por 20 séculos”. **8=D**

QUAINTANCE

## Falo em Foco



*O pênis como instrumento de trabalho / Para se livrar do Macho em Freud. Máscara feita por Maris Bustamante, usada na performance Quente-Quente do No-Grupo, 1982.*

maris bustamante  
DEL NO GRUPO

# Paulo Pinheiro



**E**xemplo. Essa é a palavra que me vem em mente e que você também terá pensado ao fim da leitura. Não há como não repensar padrões, estruturas enraizadas e – principalmente – nossos próprios comportamentos.



Foto de Vitinho de Lima.

**FALO:** Oi Paulo! Me conte um pouco sobre você.

**[P]** Nasci dia 21 de Junho de 1979 em Recife, Pernambuco. Sempre morei aqui e não viajei tanto para conhecer o país ou o mundo, porém, quando fui em 2000 para a exposição do Redescobrimto em São Paulo, a cidade roubou meu coração! Desde então, a cada dois anos, dou um jeito de visitar a Bienal. Sou formado em Artes Plásticas pela UFPE, mas trabalho na indústria da moda há 15 anos e, por conta disso, faz tempo que não produzo algo significativo como artista plástico.

**Então, você não se vê como um artista?**

*Digo que sou artista, mas não estou artista. E isso me inquieta, sinto um desejo pungente em voltar a produzir.*

**O que te levou a ser modelo para a Arte?**

*Ao perceber a importância da representatividade de um corpo obeso nas artes – e incentivado pela Falo Magazine –, me dispus a participar de qualquer projeto que celebrasse a diversidade de corpos. Busquei contato com alguns fotógrafos e artistas para combinarmos os termos para as fotos. Pouco interfiro na direção dos ensaios: quero que cada ensaio traga mais como sou visto pelo olhar do fotógrafo do que como desejo me expor como modelo.*

Foto de Silvio Barreto.



Arte digital de Madhu.



Foto de Arthur Scovino e arte digital de James Paxton.



### Você se lembra do primeiro trabalho?

Considero várias “primeiras vezes”. Teve o primeiro ensaio com meu marido Alberon Lemos, historiador; o primeiro ensaio solo (ambos com um amigo fotógrafo); o primeiro ensaio profissional maduro de casal (com o Ibsen, no Rio de Janeiro); o primeiro profissional solo com o Barreto aqui em Recife; o primeiro ensaio com um grande artista (Arthur Scovino)...

### E o que te levou a tirar fotos nuas?

Durante a graduação, desenvolvi o apreço pelo nu nas artes, em especial o nu masculino. Em 2017, como parte do processo de auto-aceitação e inspirado pelo movimento Corpo Livre, contratei um amigo para fazer fotos nossas sem roupa.

### Qual a importância de mostrar o nu frontal masculino?

Como criança e adolescente gordo, cresci com muito desconforto em ter que ficar nu. Piadas com relação ao tamanho e ao fato do meu prepúcio não expor a glândula, crescer numa casa onde as figuras masculinas (meu pai e meu irmão) nunca ficaram nus na minha frente e a falta de referência de corpos masculinos nus seja na propaganda, em revistas ou livros, ainda mais corpos diversos me levaram a ter um amadurecimento sexual tardio. Desde quando tive um retorno positivo de minhas fotos, vi a importância de ser exemplo, de ser modelo, de quebrar paradigmas dos corpos padrões.

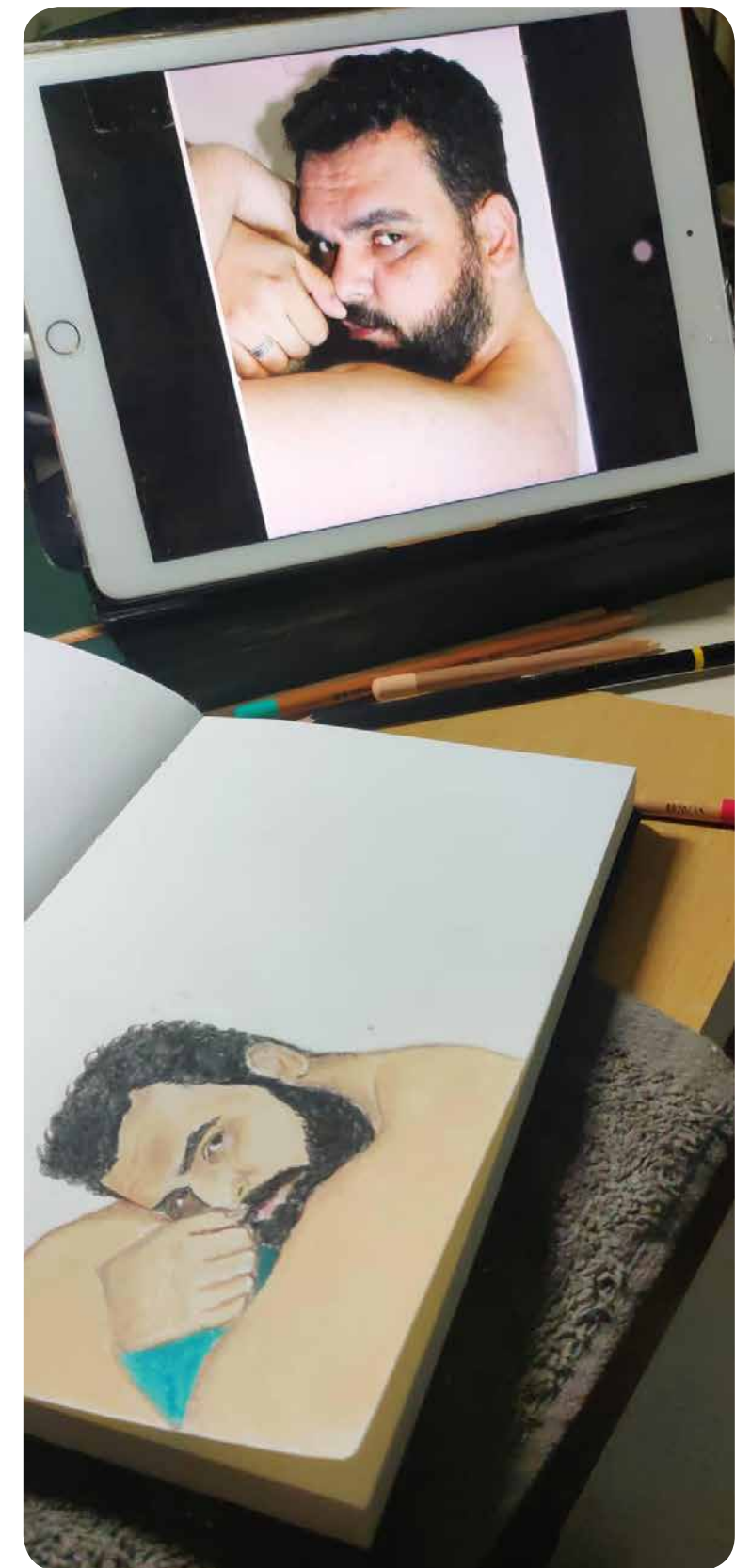


Foto de Vitinhu de Lima e desenho de Madhu.



Foto de Silvio Barreto e detalhe da arte em carvão de Wilton Oliveira.

**Você vê alguma mudança na aceitação da figura masculina nua como objeto de arte?**

*Dentro do mundo acadêmico sim, mas do grande público ainda não. Pelo menos, tenho percebido uma diversidade de corpos nas propagandas, e isto, de alguma forma, sinaliza uma futura aceitação de mais nudez masculina.*

**E do corpo gordo?**

*Ainda vejo o uso do corpo gordo nas artes com o intuito de chocar ou provocar. Às vezes bate aquela sensação “será que nunca vai ser apenas pela beleza”? Saímos do século 20, uma era de (pré) conceitos do que é o corpo bonito e saudável. Muitos desses conceitos estão sendo revistos e, cedo ou tarde, estes corpos estarão naturalmente expostos.*

*É bem verdade que geralmente é o corpo do próprio artista que aparece como registro de seu crescimento pessoal e em circuitos mais underground das artes. Ainda sinto falta de ver um corpo gordo representado nos salões tradicionais.*

**Você tem algum conselho para as pessoas que buscam trabalhar com Arte e Nudez?**

*Por mais que a gente ache que tem todas as questões com nossos corpos resolvidas, cada dia descobrimos um elemento que não tínhamos nos dado conta. Portanto, não espere se sentir bem pra começar a trabalhar o nu. Estude, leia, converse. o corpo humano é lindo e diverso, explore isso.*

**Algum plano para o futuro desse tipo de trabalho que você está fazendo?**

*Estou maturando desenvolver ensaios onde misture as linguagens que sempre trabalhei como artista e modelista. Algo que envolva tecidos, linhas e palavras. Por enquanto tenho fotografado amigos próximos e estudado mais esta relação fotógrafo / modelo / nudez / sexualidade.*

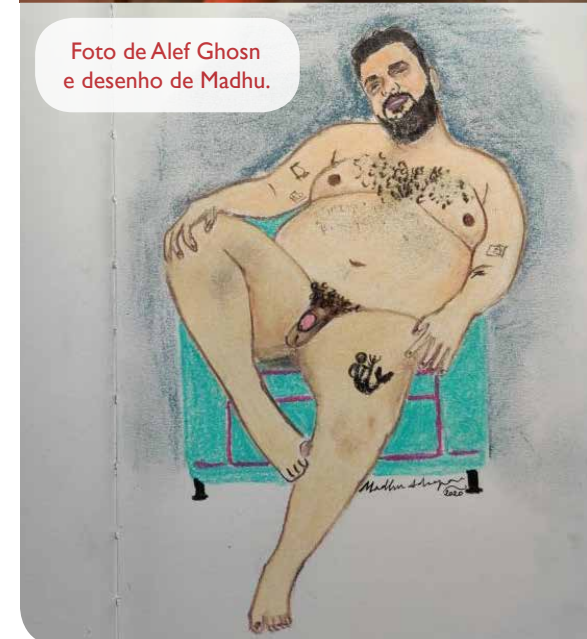
**Acho que todos já estão curiosos! Parabéns e muito obrigado!**

*Eu que agradeço pelo espaço de falar sobre assuntos tão importantes!*

**8=D**





Foto de Alef Ghosn e desenho de Madhu.




 **Paulo Pinheiro**

 **Wilton Oliveira**

 **Vitinho de Lima**

 **Silvio Barreto**

 **Madhu**

 **Arthur Scovino**

 **James Paxton**

 **Alef Ghosn**

AFINAL,  
TAMANHO É  
DOCUMENTO?

NÃO!

E EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita  
com a participação de leitores/seguidores,  
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas

Forma de pagamento através do e-mail [falonart@gmail.com](mailto:falonart@gmail.com)





# O quê do Ken

por Filipe Chagas



Boneca não nasce, então, pra quê umbigo ou genitais?

**T**odo mundo sabe: o Ken, companheiro da Barbie, não tem nada entre as pernas, nem mesmo um voluminho. Essa piada internacional não é meramente uma questão de relações públicas ou branding: é sobre quais realidades nossa cultura considera aceitáveis e quais ela procura manter escondidas. Veja só: a Barbie tem seios, porém, a ausência de mamilos os tornaram socialmente aceitáveis para as crianças olharem. Isso deve deixar um pouco mais claro como funciona a cabeça dos censores nas redes sociais de hoje.

Então, vamos conhecer um pouco mais sobre **Kenneth Sean Carson**, o namorado da Barbie.

Lançado em 1961, o nome “Ken” foi uma homenagem a Kenneth Handler\*, filho de Ruth e Elliot Handler, diretor da Mattel, a grande empresa de brinquedos por trás da Barbie. O que ele teria no meio das pernas foi uma questão central desde o início de sua concepção. De acordo com o livro *Barbie and Ruth*, de 2009, Ruth Handler queria que Ken tivesse ao menos um volume, assim como a Barbie possui seios, porém houve resistência de seu marido e da equipe de design – os mesmos que também reclamaram dos seios.

Depois de pressionar, Handler conseguiu convencer a equipe de design a criar modelos e três foram feitos: um não era nada, o outro era muito pouco e por fim um exagerado. “Então, os homens – especialmente um dos vice-presidentes – ficaram terrivelmente envergonhados”, contou a primeira estilista de roupas da Barbie, Charlotte Johnson, no livro *Forever Barbie: The Unauthorized Biography of a Real Doll*, de 1994. A contragosto de Ruth, decidiu-se, então, por colocar uma “cueca permanente” no Ken. Não é interessante que uma mulher estivesse lutando pela genitália masculina, enquanto os homens estavam censurando horrorizados?



\* Segundo vários relatos, Ken Handler ficou com vergonha de compartilhar seu nome com um boneco sem genitália. Diz-se que também detestava os problemas de imagem corporal que a companhia de seus pais criaram. Como produtor musical, montou um show de arte sobre a crise da AIDS em 1987 e chegou a dirigir filmes, incluindo a comédia dos anos 1980 *Delivery Boys*, onde falava sobre sexualidade. Ficou bastante incomodado quando o boneco se tornou ícone gay na década de 1990, mostrando sua homofobia internalizada, já que, mesmo tendo esposa e filhos, se relacionou com outros homens e veio a falecer de AIDS em 1994. Familiares e empresa escondem esse fator até hoje. Na foto acima, a família Handler: Ruth e Elliot, Kenneth (Ken) e Barbara (Barbie).





Parecia haver alguma certeza de que os genitais do Ken seriam de particular interesse para o público infantil. O psicólogo, especialista em marketing e “pai da pesquisa motivacional”, Dr. Ernest Dichter, foi contratado para observar garotinhas brincando com Barbies. Ele apontou que a principal brincadeira era a troca de roupas e acessórios. Questionou se as crianças teriam idade para entender que Ken era um namorado ou até mesmo o que era ser um namorado, se não acabariam vendo o personagem como seus pais, irmãos ou vizinhos e se era saudável ver essas pessoas (homens) despidos.

Acabou que tudo mudou por uma questão de fabricação e, claro, de dinheiro: a moldagem dos shorts era muito difícil para a fábrica no Japão fazer e isso adicionaria um centavo e meio no custo final do boneco. Um supervisor de engenharia “arbitrariamente” tomou a frente e Ken acabou com o “nada” tão ridicularizado na cultura pop.

Historicamente, algumas variações do brinquedo acabaram ganhando cuecas ou sungas em relevo da mesma cor de sua “pele”. Marvin Barab, diretor de pesquisa de marketing da Mattel de 1959 a 1965, é citado em *Barbie and Ruth* dizendo: “Eles decidiram que seria melhor para a empresa se ele fosse castrado”. Entretanto, em última análise, isso não fez diferença para os consumidores, já que as crianças não ficavam se perguntando o que teria acontecido com o Ken. Em seu livro de 1987, *Publicidade infantil: a arte, o negócio e como funciona*, o ex-publicitário da Mattel Cy Schneider escreveu:

*Todas essas questões eram preocupações de adultos que haviam estressado demais o problema. Ken era, e ainda é, aceito como acompanhante necessário para muitas das atividades da Barbie. Havia uma lição nisso para todos nós: não substitua seus próprios gostos, pensamentos ou imaginação pelos de uma criança.*

O Ken original de 1961.

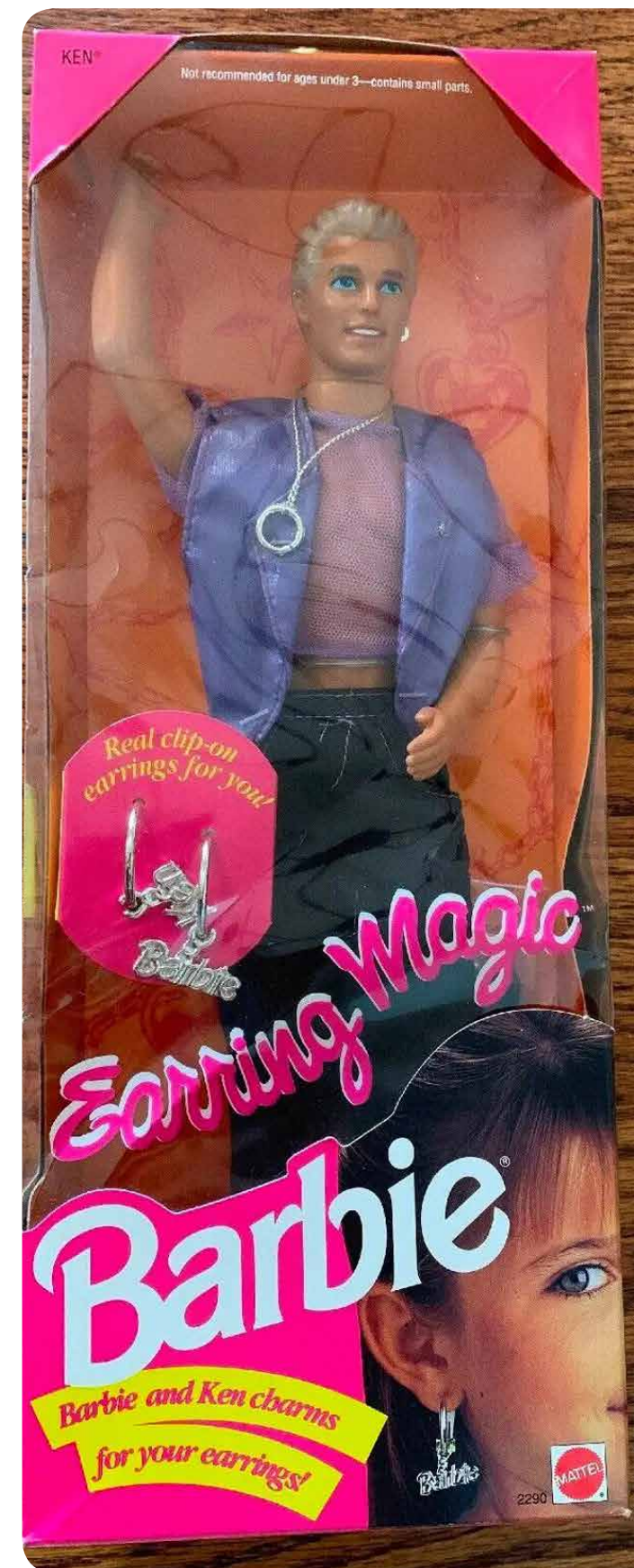
“Ken foi concebido como um acompanhante de fantasia para a Barbie e a Mattel quis dar a ele uma aparência de menino limpo, não ameaçadora e assexual”, conclui Schneider. E o sucesso veio.

Alguns estudiosos dizem que os acessórios do personagem acabaram se tornando compensações: as primeiras roupas de Ken vendidas separadamente vinham com acessórios para marcar uma “masculinidade” (chaves do carro, barbeador elétrico) ou “o que estava faltando” (uma vara de madeira para uma flâmula, um taco de beisebol) – ou até mesmo os dois, como no caso de um rifle ou de espeto de churrasco com uma salsicha.



Olhai a salsicha do Ken!

Em 1993, a Mattel acabou chamando a atenção para a falta do pênis e também para a sexualidade do Ken com o lançamento do hoje famoso *Earring Magic Ken*, com seu cabelo loiro cortado rente, colete lavanda brilhante e uma camisa de malha combinando por baixo e, claro, usando brinco. Não foi somente o estilo que tornou esse Ken uma sensação entre os homens gays que viram os sinais e o reivindicaram como um de sua comunidade: pendurado em seu pescoço em um fio de prata metálico, vinha um brinco de verdade para ser usado por quem o adquirisse, porém, dez em cada dez pessoas dirão que parece um anel peniano. Óbvio que o marketing da Mattel na época negou repetidamente à imprensa que Ken usava um brinquedo sexual, e, mesmo tendo feito sucesso, a empresa parou de fabricá-lo após um ano.



Em sua mistura de história e crítica de 1994, *Barbie's Queer Accessories*, Erica Rand interpretou a falta de pênis no Ken vindo do falocentrismo estrutural da sociedade:

*Não é surpresa que a Mattel considerasse o pênis uma característica crucial da fantasia sexual e da saúde psicológica das meninas. Essa é a suposição amplamente promovida por Freud e seus seguidores: que o desenvolvimento psicosssexual infantil depende da descoberta do pênis – não da vagina – seguido por uma percepção imediata do grande valor do pênis e uma conclusão inevitável de que as pessoas que não têm um estão incompletas ou feridas.*

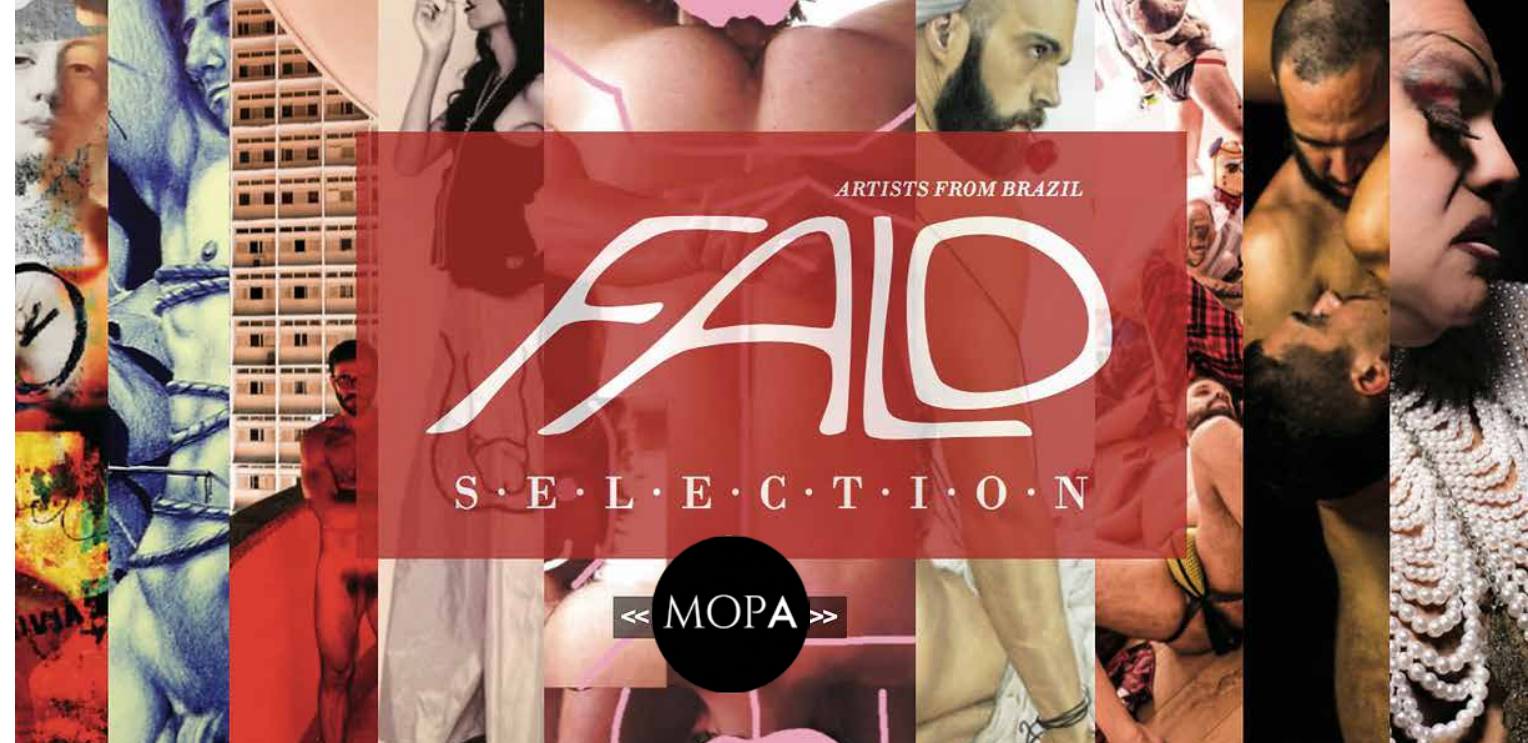
Todavia, Rand vê isso de forma diferente hoje. Com o novo entendimento sobre as identidades de gênero, ela acredita que o boneco possa dar uma compreensão mais ampla sobre o mundo transgênero. “Se você se identifica como homem, você tem um corpo masculino, quaisquer que sejam as partes com as quais você tenha nascido”, reflete. Isso mostra o quanto é importante rever sua própria história para se colocar na contemporaneidade. Enquanto as considerações de fabricação, relações públicas e representacionais feitas pela Mattel no início dos anos 60 eliminavam a sexualidade em nome de uma binaridade padrão, hoje Ken pode ser usado como uma figura de representatividade.

Ken nos deixa, então, com duas perguntas para reflexão: ter um pênis é ser homem? O que mais a sociedade esconde em nome de um “padrão aceitável”? **8=D**



*Ken fashionista de 2017, o primeiro negro, porém, de cinto e ainda sem volume. Em 2020, a coleção Fashionista ganhou um Ken com vitiligo.*

Em maio de 2022, a atriz Laverne Cox se tornou a primeira mulher trans a ser homenageada com uma boneca Barbie da coleção “Tribute”, que homenageia mulheres influentes e visionárias em todo o mundo. No mês seguinte, um deputado brasileiro resolveu levar à Câmara uma discussão sobre “as implicações psicossociais em crianças em decorrência da versão da boneca Barbie com órgão sexual masculino”. Acho que ele precisa ler essa matéria aqui...



9 Brazilian artists | 100 pages | 21 x 14.8 cm | Soft Cover



**SEJA MAIS.**

**ben  
feita  
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

[www.benfeitoria.com/falomagazine](http://www.benfeitoria.com/falomagazine)

### **AMIGO DA FALO**

R\$10 / mês

*agradecimento na Falo*

### **PARCEIRO DA FALO**

R\$15 / mês

*agradecimento na Falo e spoiler por e-mail*

### **VIP DA FALO**

R\$20 / mês

*agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail*

### **PATRONO DA FALO**

R\$50 / mês

*agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail*


www

**Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!**

**Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Edgar Silva, Felipe Natali, Orlando Amorim, DUOCU, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.**



AQUI EU ENTRO NO CAMPO DAS INTERVENÇÕES. ÉIA PRA SER UM DIÁRIO MAS TAMBÉM JÁ É MEIO TARDE. NÃO QUERO FALAR MAS NADA. ESCREVER MAS NADA. JÁ CHEGUEI A UMA CANÇÃO. NORMAL. DKO ISSO AS NOITES. NÃO SEI. SEI UM POUCO. NÃO POSSO ATENDER ADEMA. GOSTO DESTA MÚSICA. ISSO JÁ FOI. FILIOTIA TÁ BARATA. O QUE SERÁ QUE VOCÊ TÁ FICANDO? PRA ATRAVESAR ESSA RUA EM DOIS MINUTOS. EU ME COLOCO A QUESTÃO. DE NOVO. VOLTARIA PRA CIMA



O BOX É ABERTADO. VOCE ME CONHEU. A GENTE CHAMA A GENTE NA PRÓXIMA VEZ. PO CONTINUO ESSA CONVERSAS NA MINHA CABEÇA? MÁXIMA INTIMIDADE. ACHO ISSO ENGRACADO. BOA NOITE? ESPERE. AGORA. DESTA VEZ NÃO. ISSO É SHAMPOO? O EGO TÁ UM TERÇO. FICOU MAIS UM POUQUINHO ESCURELHO NO UMBRO DO BOX PRA NÃO ESCURELER. MELODIA PERMANENTE. TODO VEZ VOU TAMBÉM. AS VEZES, NÃO VALE O ESTREIÇO. NEM NA TELA. EU EXISTO NA CRIAÇÃO. TÁ BOM NO FIM.



AMANHÃ. ACORDO MAS CEGO (MENTIRA). JÁ DA PRA ATRAVESSAR. NÃO SOUITO DE BATER PUNHETA NO BANHO. É QUEIMAR AS DOAS SENSACIONES. PARECE UM DOUÇO DESPERDÍCIO... PRA LADA GOTA D'ÁGUA É UMA INFORMAÇÃO A MAIS. É UMA INFORMAÇÃO EXTERNA ACATÓRIA. VOU PRA LAVA NADA MAS ME TOCA. A PELE RESPIRA MAS. TUDO VEM MAS INTEIRO. O CORPO TODO DIA

QUEM TOME UM BANHO COM VOCE? CUIDO UM CANÇÃO. QUITE SECA! A LINGUAGEM? MAS UMA MÚSICA SE!

ALEGRIA. MANJERICÃO. QUINE. FOLHA DE MANGUEIRA. ESPADA DE SÃO JOAQUIM. ESPADA DE SÃO. DOLAR OU DINTILICINHO. AMIS. ALFARZENA. ALGUNS JI TEMPO. BOM SELLIA O AMOR? VOU PRA PRA PRA ENTREGAR.



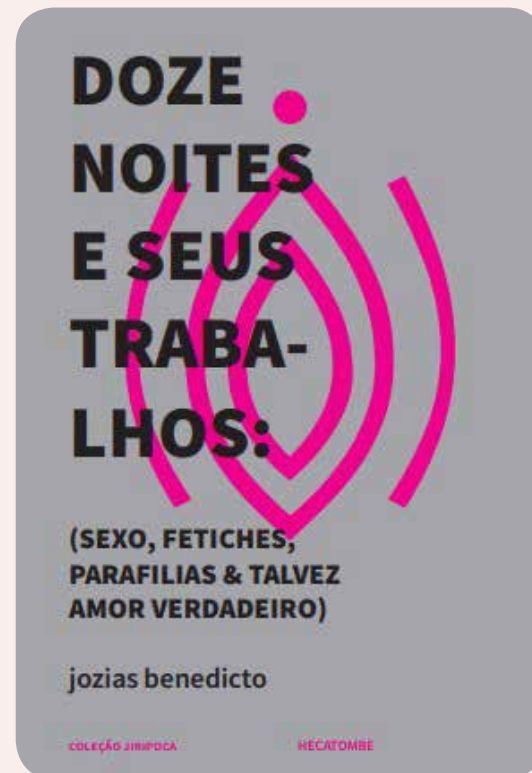
# Doze noites e seus trabalhos: (sexo, fetiches, parafilias & talvez amor verdadeiro)

de Jozias Benedicto (2022)

Já estava de olho na obra de Jozias Benedicto. Quando saiu o livro *Doze noites e seus trabalhos: (sexo, fetiches, parafilias & talvez amor verdadeiro)*, achei que era hora de conhecer melhor, uma vez que Hércules é meu herói preferido da mitologia grega (ao ponto de ter escrito um longo dossiê sobre ele). Entrei em contato com o autor e fui presenteado com esta pequena pérola que li em uma viagem física (porque eu li durante o traslado Rio-São Paulo de ônibus) e temporal (porque voltei ao passado em memórias).

O texto intenso, erótico e – por que não? – gráfico de Jozias ativaram uma lembrança pré-adolescente de um ritual de passagem. Meu pai me levava para cortar o cabelo no mesmo barbeiro que ele ia.

Ainda criança, recebia quadrinhos da Turma da Mônica ou da Disney para entreter, mas já via que adultos ou liam o jornal ou tinham acesso às famosas “revistas de mulher pelada”. Um belo dia – que não sei precisar, mas já havia passado dos treze anos – finalmente recebi minha primeira *Ele e Ela* e... quanta vergonha! Era como se o voyeur (eu) estivesse sendo pego no ato (ver a revista) por várias pessoas (meu pai, o barbeiro, sua assistente, outros clientes...)! Não dava! Eu passava rápido pelas páginas de nudez... mas um rápido que não mostrasse desinteresse (mesmo que houvesse sem que eu soubesse). Então, encontrei um jeito de parecer atento no final da publicação: *Cartas do Fórum*, textos extremamente picantes em crônicas ou respostas para perguntas dos leitores que me prenderam o olhar, a imaginação e as calças\*. “Doze trabalhos” me fez ser um pré-adolescente na cadeira do barbeiro, com a imaginação solta, o membro intumescido e aquela sensação de voyeur sendo pego.



Capa do livro.

\* Quando eu recebia uma *Playboy*, eu ficava lendo as *Páginas Amarelas*, entrevistas muito boas com convidados muito bem selecionados que acabam falando de tudo, como se fosse uma “nudez da alma”.

Mesmo escrevendo na última nota que o livro é “uma obra de ficção vinda de sua mente delirante” e a internet nos oferecer um mundo de imagens, algumas das descrições são quase tangíveis a ponto da pergunta “será que o autor viu ou viveu tudo isso?” ficar pulsando junto a outros movimentos involuntários. Resumindo: o protagonista é Hércules, um garoto de programa que se vê às voltas com um casal que decide transformar os doze trabalhos do herói mitológico homônimo em doze noites de sexo sem censura, que passam pelo BDSM, pela diversidade de corpos e até mesmo pela coprofagia (sim, comer cocô). No fim da leitura, imaginei o árduo trabalho de pesquisa do autor, não só da parte mitológica, mas também das parafilias. Minha mente visualizou aqueles imensos quadros de séries policiais onde tentam ligar as pistas com fios: era Leão da Nemeia pra cá, enforcamento pra lá e por aí vai!

Entretanto, não vá achando que é só isso. Releia o título e perceba que, após o sexo, os fetiches e as parafilias, talvez encontremos o amor verdadeiro. Há mais do que noites loucas com múltiplos parceiros e entorpecentes, e o autor não deixa isso nas entrelinhas: ele o faz à luz do dia... quer dizer, enquanto esperamos a loucura mitológica noturna – da qual recebemos uma pista por um quadro que é trocado diariamente –, Jozias desenvolve os personagens a partir do momento que eles acordam e atravessam o dia em busca de conexões. É possível até enxergar os doze episódios da primeira temporada... porque o final aberto (e a saga do herói grego que continuou após os afamados trabalhos) me faz aguardar com um fervor hormonal o segundo volume (e a próxima temporada). **8=D**

Hércules Farnese, escultura em mármore de autoria desconhecida (c. 4 a.C.).



# Contos do Falo

## OBELISCO

Breu total, mas enfim o que se espera de um lugar que se intitula *darkroom* é que seja escuro escuro como os pesadelos de minha infância ou os orgasmos anônimos de olhos cerrados qual seu nome? mas o outro goza rápido e sai correndo mais rápido ainda eu nunca vou saber seu nome

Talvez eu nunca saiba nem o meu nome

O nome que eu nunca tive ou que perdi e que busco nestes quartos escuros, nestes becos, nestas praias desertas onde o cheiro de porra é mais forte que o cheiro da maresia

Mas agora não estou mais em uma praia, não existem mais praias desertas e o mar não está mais para peixe, muitos mortos em tantas praias, agora entro passo a passo neste lugar escuro onde brilha, no centro de tudo, como uma espada flamejante, como uma árvore de prata, como um obelisco de alabastro:

Um falo

Como se fosse feito de luz ao invés de corpos cavernosos e sangue

Como se trouxesse dentro de si mistérios a ponto de explodir

Como se fosse uma promessa barata de eternidade

No centro de toda a escuridão, solitário como um lança de um guerreiro morto, como se não pertencesse a um corpo, como se fosse apenas pulsão e carne

Um falo

Em toda a volta, dezenas centenas de olhos sedentos com medo de se aproximar e serem irremediavelmente eletrocutados

Mesmo o dono do corpo de onde brota este falo está distante, ele o acaricia como se acariciasse um objeto apartado dele, como se formulasse desejos impossíveis, como um avião que decola contando apenas com a perícia do piloto automático

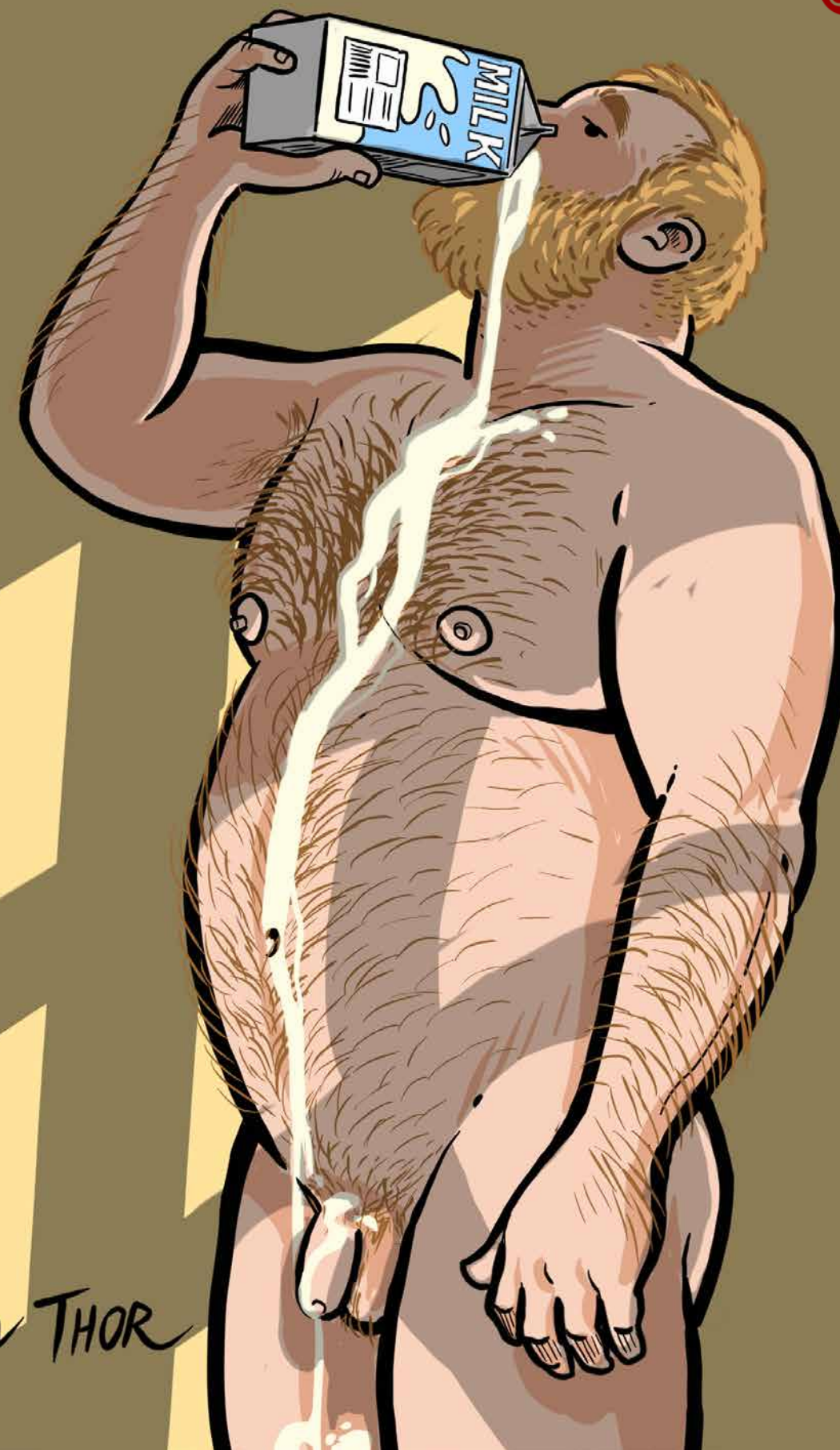
Mas eu não tenho medo, nunca tive, nunca terei. Me aproximo devagar (a artrite), um sorriso que não se vê no escuro. Em volta, os corpos sedentos respiram aliviados por poderem enfim se afastar, por poderem deixar comigo a responsabilidade, a missão, o desafio deste falo, e voltarem a seus pequenos jogos infantis

Respiro fundo, balbucio alguma bobagem como “vem sempre aqui?” ou “quer um drinque?” ou “de onde nos conhecemos?” ou simplesmente “posso?”

Ele não responde, não precisa, apenas abre mais as pernas e joga a cabeça para trás. É a minha vez.



NA CAMA  
COM O  
PRESIDENTE



Marlon THOR







## Querido gay, você vai envelhecer.

*Todos envelhecemos...*

*Se lamentar pelo que poderia ter sido para alguns, se entupir de antidepressivos para outros, viver de solidão, triste e com medo da morte para diversos...*

*Esse é um imaginário péssimo, mas que povoa boa parte dos medos das pessoas jovens no geral e mais ainda de pessoas LGBTQIA+. Envelhecer é maravilhoso se você souber respeitar quem você é mesmo quando os outros pararem de te admirar pelos seus músculos ou pela aparência jovem.*

*Temos nosso próprio tempo e ninguém disse que seria fácil.*

*Nós não somos compostos só de músculos, cinturinha fina ou colágeno, ainda que sejamos bombardeados por essas padronizações excludentes. Se eu for um vovô movido a sexo, drogas e rock'n roll, você iria me julgar?*



*The Old Gays* – Bill Lyons, Jessay Martin, Robert Reeves e Mick Peterson – são estrelas das redes sociais que dividem suas experiências pessoais e mostram como é lidar com o mundo contemporâneo depois dos 70.



*Ninguém pode predestinar uma velhice solitária, doente ou cuidando do jardim pra mim ou pra você.*

*Enquanto há vida, há desejo e há tesão.*

*Vamos envelhecer e não será nada fácil numa sociedade que determina que belo é aquilo que é novo, jovem. Será duplamente difícil num meio em que o corpo costuma ser um dos principais cartões de visita e a ridicularização dos mais velhos impera em expressões chulas e desrespeitosas.*

*Você respeita quem você será amanhã?*

*Posso fazer coisas de jovens quando estiver mais velho, mas não devo ficar preso numa juventude que já se foi. Amadurecer é sobre aceitar que as coisas passam e precisamos deixá-las ir. Contudo, nunca é*

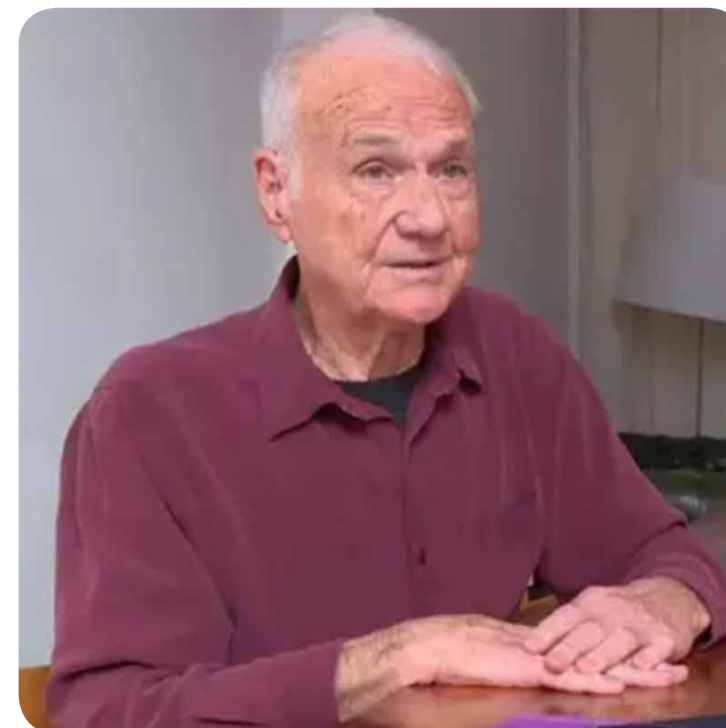
*tarde para fazer aquilo que se tem vontade. É assim que elaboramos as coisas e podemos seguir em frente de maneira mais satisfatória.*

*Muito do receio do envelhecimento vem das ideias de que o sexo acaba, de que a beleza termina, de que a vida se deteriora. Se deteriorar todo mundo vai, mas com tanto de coisas que existem para serem experimentadas e vividas, se apegar apenas a beleza e a juventude como norteadores da nossa realidade é deveras cansativo.*

*A vida sempre tem mais.*

**É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte.**

Gal Costa, em *Divino Maravilhoso*, 1969.



Aos 83 anos, o ex-padre padre Norm Self decidiu fazer um filme pornô gay. E por que não?

# THE MOVEMENT

Usar uma sunga nem sempre é ser uma coisa ou outra, parecer de um jeito ou de outro, sentir-se sexy ou não... às vezes, é sobre abraçar o medo, remover suas próprias inseguranças e dizer "este sou eu, mundo". Tirar a bagagem figurativa da vida, vestir uma barreira física mínima para o mundo e ser totalmente VOCÊ. O bom é que, se você precisar, você pode até fazer isso em casa, e, com o TSM, você tem uma comunidade mundial facilmente acessível que irá te apoiar, te capacitar e não julgá-lo. É isso que somos! Por isso digo: nem sempre se trata apenas de uma sunga.

—  
Cody

Creator of The Speed Oh Movement

Agora com a ajuda de um guru de cuecas: o **TSM Underwear Guru!**



[www.the-speed-oh-movement.com](http://www.the-speed-oh-movement.com)

arts: @matesart



Modelo: Ivan Papparotte. Foto: Autorretrato.



# FALD

ISSN 2675-018X  
falonart@gmail.com

